

T.H.L. PARKER

Os sussurros desse pregador ofegante tinham a força de trombetas

• Uma introdução à pregação de João Calvino •

OS ORÁCULOS DE DEUS

Os Oráculos de Deus, de T.H.L. Parker © 2016 Editora Cultura Cristã. Obra publicada originalmente com o título *The Oracles of God*, © T.H.L. Parker, 1947. Esta edição foi publicada mediante acordo com The Lutterworth Press.

1ª edição 2016 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial
Antônio Coine
Augustus Nicodemus Gomes Lopes
Cláudio Marra *(Presidente)*
Heber Carlos de Campos Jr.
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Ulisses Horta Simões

Produção Editorial
Tradução
Gabriel Henrique Marcandali Lopes
Revisão
Márcio Santana Sobrinho
Cristiane Cavalcanti
Wilton Lima
Editoração e capa
OM Designers Gráficos

P238o Parker, T.H.L.
Os Oráculos de Deus / T.H.L. Parker; traduzido por Gabriel Lopes. São Paulo: Cultura Cristã, 2016

176 p.
Tradução The Oracles of God
ISBN 978-85-7622-588-1

1. Homilética 2. Pregação I. Título

CDU 2-475

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

ABREVIATURAS 11

PREFÁCIO 13

Capítulo 1 PREGAÇÃO ANTES DE CALVINO 17

Capítulo 2 CALVINO COMO PREGADOR 25

Capítulo 3 A DOUTRINA DA PREGAÇÃO 45

Capítulo 4 *ARS PRAEDICANDI* 65

Capítulo 5 O EVANGELHO DE CALVINO 81

Capítulo 6 A INFLUÊNCIA DE CALVINO NA PREGAÇÃO INGLESA 107

Capítulo 7 VOLTANDO AOS FUNDAMENTOS 127

Apêndice 1 EXEMPLO DE SERMÃO POR CALVINO EM LUCAS 2.9-14 141

Apêndice 2 TABELA CRONOLÓGICA DA PREGAÇÃO DE CALVINO 155

Apêndice 3 SERMÕES MANUSCRITOS EM GENEBRA 159

Apêndice 4 SERMÕES NO *CORPUS REFORMATORUM* 163

Apêndice 5 PRIMEIRAS EDIÇÕES FRANCESAS DOS SERMÕES 165

Apêndice 6 TRADUÇÕES EM INGLÊS DOS SERMÕES DE CALVINO 169

BIBLIOGRAFIA 171

pregar depois de sua doença. Lembro que era um domingo e que cantamos o trigésimo salmo, uma maneira muito adequada de dar graças pela sua recuperação. Era possível ver no seu rosto como ele dava graças a Deus com um puro e sincero senso de devoção."[51] A simpatia e a reverência por ele, que vieram depois de perceberem a fragilidade física de seu famoso pastor, trouxeram os genebrinos em massa para ouvi-lo pregar na São Pedro, de modo que ele propôs ao Conselho que outra igreja fosse encontrada ou que uma antiga fosse restaurada porque uma grande parte da congregação dentro da São Pedro não conseguiu ouvir. Se mais nada pudesse ser feito, cadeiras seriam postas nos corredores. Porém, essa súbita popularidade não durou muito, e em outubro de 1561 os ministros (e Calvino provavelmente entre eles) estavam preocupados que as congregações não eram tão numerosas quanto antes.

No entanto, seria incorreto deixar a impressão de que sua pregação terminou em uma derrota parcial. Em sua própria vida ele pôde testemunhar seus efeitos. Ele executou um trabalho durante vinte e oito anos, como diz Fairbairn, que mudou a face da cristandade. Genebra, antes da Reforma, uma das cidades mais imorais da Europa, foi completamente mudada e continuou como um modelo de piedade por mais de um século e meio. Sem dúvida isso era em parte graças à disciplina exercida, mas disciplina seria de pouca utilidade sem a pregação, quando a moralidade foi firmada em uma base religiosa, e o povo continuamente instigado à pureza de viver por amor a Jesus Cristo que havia morrido por eles. Muitas outras cidades tinham uma disciplina, aplicada com maior ou menor rigor, mas nenhuma viu uma mudança de vida tão grande quanto Genebra. No exterior, na Suíça, França, Inglaterra e Escócia, suas palavras ganharam uma autoridade quase apostólica – os sussurros desse pregador ofegante (tomando emprestado a frase de John Buchan) tinham a autoridade de trombetas.

Em seis de fevereiro de 1564, com "a asma impedindo sua pronúncia", Calvino proferiu seu último sermão, sobre a harmonia dos evangelhos. Ele prolongou-se por alguns meses, enfraquecendo aos poucos, até que morreu na noite do dia 27 de maio. "Veja como num instante", pranteou Beza, "naquele dia o sol se pôs, e a luz mais radiante no mundo para a edificação da igreja de Deus foi levada aos céus".

Capítulo 3

A DOUTRINA DA PREGAÇÃO

A PALAVRA DE DEUS

Apesar de, em rigor, apenas uma interpretação ser possível para a expressão "a Palavra de Deus", essa assume significados bastante distintos dependendo do ponto de vista teológico do escritor. Nós a encontramos em Schleiermacher, em uma Encíclica Pontifícia sobre pregação, e em Barth – mas a expressão certamente não assume um sentido invariável em cada um dos três. Mesmo entre os Reformadores, que eram muito unidos nos aspectos centrais da teologia, não encontramos um uso constante para esse termo, mas vemos uma diversidade grande no seu emprego, e no modo como o relacionaram com a pregação, temos uma divergência de opinião tão marcante quanto em suas doutrinas eucarísticas, com as quais isso de fato tem uma relação próxima. Os partidos eram os mesmos da controvérsia eucarística; nos dois extremos estavam Lutero e os zuinglianos, e entre eles, ligado a ambos, mas distinto e único, estava Calvino. A questão em destaque era se a Palavra (isto é, a Bíblia e a pregação) era, junto com os sacramentos, um meio de graça. Os entusiastas espirituais (os *Schwärmer*), de modo intenso, declaravam que o Espírito, com toda sua graça, era entregue de imediato à alma, isto é, independente da Palavra e dos sacramentos. Lutero, no extremo oposto, ensinava que o Espírito era dado somente através da Palavra e dos sacramentos, que desse modo mediavam a graça aos homens. Os zuinglianos não foram bem-sucedidos em desbravar uma terceira via, e em princípio não se afastaram da imediação dos entusiastas. Obviamente, não podiam segui-los no seu completo abandono da Palavra, mas suspeitavam que a doutrina de Lutero era *opus operatum*. Seus esforços foram confrontados pelas severas críticas

de Lutero, que vamos reproduzir extensivamente, pois nos dão uma visão geral da controvérsia:

> Eles estavam à mesa de Lutero conversando sobre Bullinger, que acusava tanto os entusiastas por desdenhar da Palavra de Deus, quanto aqueles que atribuíam importância demais à Palavra, pois eles pecam contra Deus e sua divina onipotência tanto quanto aqueles judeus que veneravam a arca como se fosse Deus. Ele (Bullinger), não obstante, como alguém que desejava preservar um caminho do meio, ensinava qual era o uso correto da Palavra e dos sacramentos.
>
> Nisso, o Dr. Martinho respondeu e disse: Ele se engana, e nem mesmo sabe o que acredita e o que advoga... Os dois lados, nós e eles, se encontram em extremos opostos, entre os quais não há caminho alternativo e nem pode haver. Eles rejeitam completamente a Palavra oral e o poder e a eficácia dos sacramentos, ao passo que nós os enfatizamos. Agora eles buscam o meio-termo, e exaltam a Palavra e os sacramentos a fim de que deixemos nosso significado extremo e correto (ao qual devemos nos ater) e nos tornemos um com eles. Outrora eles ensinavam que a Palavra oral e os sacramentos eram apenas sinais e símbolos de amor; nisso, Zuínglio e Ecolampádio se desviaram muito. Agora que Brentius os contradisse, eles baixaram o tom e recuaram parcialmente, suavizando sua interpretação e significado como se nunca tivessem rejeitado a Palavra oral e os outros meios, mas apenas condenado alguns abusos. Assim, eles separam a Palavra do Espírito. Eles separam o homem que prega e ensina a Palavra, de Deus que a torna efetiva... e eles implicam que o Espírito Santo nos é dado e opera de modo independente da Palavra, que é apenas, por assim dizer, um símbolo, um sinal e uma marca exterior que vem ao encontro do Espírito que está sempre pronto esperando no coração. E se a Palavra não encontra o Espírito, mas encontra um homem ímpio, então essa não é a Palavra de Deus. Desse modo eles definem e consideram a Palavra, não de acordo com Deus que a pronuncia, mas de acordo com o homem que a recebe e a aceita...
>
> Então eles ensinam que a Palavra externa é, por assim dizer, um *Objectum* e uma imagem, que ilumina, testemunha e interpreta... Não admitem que a Palavra de Deus

seja um instrumento e uma ferramenta através dos quais o Espírito Santo trabalha, desenvolve seu trabalho e embasa o começo da justificação...

Todavia, o cristão deve resistir e dizer: a Palavra de Deus é a mesma Palavra e é igualmente Palavra de Deus quando é pregada e lida aos pródigos, hipócritas e ímpios tanto quanto a cristãos piedosos e devotos. E a Palavra (produza ela fruto agora ou não) é o poder de Deus que abençoa todos os que creem nele. Outra vez, também é julgamento e condenação aos ímpios... Nós dizemos, ensinamos e confessamos que o pregador da Palavra, perdão e sacramentos não é o homem, e sim a Palavra, a voz, a purificação, a união e a eficácia de Deus. Somos apenas as ferramentas, trabalhadores e os ajudantes de Deus, através de quem Deus trabalha e realiza seu trabalho.

Não vamos sucumbir a eles, e lhes conceder essa distinção e diferenciação metafísica e filosófica, que está longe da razão, de que um homem prega, ameaça, pune, amedronta e conforta, mas que o Espírito Santo trabalha... Ah!, não, de modo algum! Nós concluímos deste modo: Deus mesmo prega, ameaça, pune, amedronta, conforta, batiza, administra os sacramentos no altar e absolve... Assim, eu estou certo de que quando subo ao púlpito para pregar ou me ponho diante da tribuna para ler, não é a minha palavra, mas minha língua é a pena de um destro escritor, como diz o salmo 45... Então Deus e o homem não devem estar separados um do outro, nem ser distinguidos pelo entendimento e julgamento da razão humana; mas devemos dizer: O que este homem, profeta, apóstolo ou pregador e professor honesto diz e faz à ordem e à Palavra de Deus, assim o diz e faz o próprio Deus, pois ele é o porta-voz ou a ferramenta de Deus...

Portanto, nós imediatamente concluímos de modo claro e certo: Deus trabalha através de sua Palavra, que é como um veículo ou ferramenta através do qual aprendemos a conhecê-lo em nosso coração.[1]

Resumindo essas duas visões opostas, compreendemos que para Lutero a Palavra de Deus pregada não era menos que a Palavra de Deus escrita, e devemos manter alguma cautela em relação à afirmação de Mackinnon

1 *LW*, *R*, III, p. 672-674.

de que, às vezes, Lutero elevava a pregação acima da Bíblia. Em ambos os casos é literalmente Deus quem fala. E uma vez que é Deus, o Espírito Santo, quem fala a Palavra da pregação, ele não pode estar separado dessa, caso contrário deixaria de ser a Palavra de Deus e seria apenas a palavra de um homem, "um pequeno som que se propaga no ar e desaparece". Quando um pregador proclama o evangelho que se encontra nas Escrituras, sua palavra será a Palavra de Deus. Lutero estava correto em insistir dessa forma na objetividade da Palavra. Todavia, ele estava errado em amarrar a Palavra do Espírito à palavra humana da pregação de uma forma tão rígida, e estava perigosamente perto de fazer do pregador um oráculo passivo de Deus, assim como Calvino fez em relação à Bíblia na sua teoria da inspiração das Escrituras. A doutrina de Lutero é uma parte de sua doutrina Eucarística. Em ambas ele buscou assegurar a realidade objetiva da presença de Deus, mas em ambas ele tendeu para o maquinal e restringiu a liberdade da graça de Deus. E assim poderíamos até perguntar se apesar de tudo que ele afirmou ser contrário, ele não estava de fato separando a Palavra dos sacramentos e transformando-os em dois meios distintos para a graça, paralelos e inter-relacionados, sem dúvida, mas essencialmente divorciados.

Zuínglio e seus discípulos rejeitavam a ligação íntima que Lutero fazia do Espírito e da Palavra considerando isso uma deificação da criatura, e na sua reação foram longe demais no caminho dos entusiastas. Eles não aceitavam que o Espírito Santo estivesse na Palavra, penetrando o coração, criando ou confirmando a fé. A Palavra era para eles apenas e simplesmente uma testemunha de Jesus Cristo e, como tal, era desprovida de poder. Dorner explica a posição deles do seguinte modo: "A palavra viva só existe para nos impulsionar a buscar a Cristo" e o objetivo da palavra é "nos despertar para buscar a verdade internamente".[2] A Palavra externa na verdade não é nada além de um sinal, que nos aponta a Jesus Cristo. Não é revelação e nem é, estritamente falando, um meio para a graça. Então Zuínglio diz: "Consideramos Palavra de Deus aquilo que nos aponta e nos direciona ao Cristo crucificado".[3] Eles não podiam, contudo, abandonar todo o ensinamento óbvio das Escrituras a ponto de negar toda relação entre a Palavra e o Espírito, ou a ponto de afirmar que o Espírito é dado de maneira completamente independente da Palavra. Na verdade, Zuínglio, Ecolampádio e especialmente Bullinger estavam seriamente preocupados em combater o falso espiritualismo dos entusiastas. Então eles distinguiam entre *Verbum Dei externum* e *Verbum Dei internum*. O primeiro diz respeito àquilo que é

2 DORNER, I. A., *History of Protestant Theology*, 1871, vol. 1, p. 297.
3 Citado por STÄHELIN, R., *Huldreich Zwingli*, 1897, vol. 2, p. 51.

lido e pregado e, por ser apenas um sinal e testemunha, pode ser, e frequentemente é, ineficiente. O seu propósito é instruir e assim iluminar a mente para o entendimento da verdade do cristianismo. O *Verbum Dei internum* é o Espírito Santo no coração, regenerando ou firmando. "O que é ouvido", diz Zuínglio, "não é a Palavra na qual cremos".[4] É fato que ele também ensinava que o Espírito normalmente trabalha em conjunto com a Palavra, mas isso não é o mesmo que dizer que ele trabalha através da Palavra como seu instrumento. Além disso, de acordo com sua visão, o Espírito não era dado através da Palavra, mas separado dessa, imediata e diretamente à alma. Assim, em uma passagem esclarecedora, Bullinger diz: "Para aqueles a quem ele desejou o conhecimento e a fé, ele envia professores, pela Palavra de Deus, para pregar-lhes a verdadeira fé. Não porque a habilidade de imputar a fé reside no poder, na vontade ou no ministério do homem, nem mesmo porque a palavra externa que sai da boca do homem é capaz, em si, de trazer a fé: mas a voz do homem e a pregação da Palavra de Deus nos ensinam o que é a verdadeira fé, ou o que Deus nos ordena acreditar. Pois somente Deus, através do Espírito Santo que ele envia ao coração e à mente dos homens, consegue abrir nosso coração, persuadir nossa mente e nos fazer acreditar com todo o nosso coração naquilo que, pela sua Palavra e ensinamento, aprendemos a acreditar."[5]

Calvino possui algumas afinidades claras com ambas as escolas de pensamento. Seria fácil, através de uma seleção criteriosa de citações, retratá-lo como um defensor de qualquer uma das posições. Por um lado, ele declara tão enfaticamente quanto Lutero o caráter divino da Palavra: "Aqueles que ensinam devem reivindicar com toda a verdade que é Jesus Cristo quem fala pela boca deles".[6] Por outro lado, o encontramos falando de modo completamente zuingliano, como se a Palavra fosse impotente: "Pois, primeiro, o Senhor nos ensina e nos instrui por sua Palavra; segundo, ele nos confirma pelos seus sacramentos; e por último, ele ilumina nossa mente com a luz do seu Santo Espírito, e abre uma entrada em nosso coração para a Palavra e sacramentos; que de outro modo apenas tocariam nossos ouvidos e se apresentariam a nossos olhos sem produzir o menor efeito em nossa mente".[7] Em outras palavras, ele ensina tanto a real presença do Espírito Santo na Palavra quanto o testemunho interno do Espírito Santo no coração do crente. De fato, Calvino enxergava os erros envoltos tanto nas ideias luteranas quanto zuinglianas, e deliberadamente se propôs (no *Institutio* iv. 1.6)

4 Citado por SCHWEIZER, Alex., *Die Glaubenslehre der evangelisch-reformirten Kirche*, II, p. 579.
5 *Decade* I, p. 84-85 (Parker Society).
6 *C. R.* LIII, p. 7.
7 *Inst.* IV, 14, 8. Cf. *C. R.* LIII, p. 157.

a andar a terceira via entre aqueles que exageravam além da conta a dignidade do ministério e aqueles que contestavam que "é criminoso transferir a um homem mortal o que propriamente pertence ao Espírito Santo, supondo que os ministros e professores penetram o coração e a mente". Essa terceira via é sua doutrina da pregação.

A pregação é a Palavra de Deus, primeiro no sentido em que é uma exposição e interpretação da Bíblia, que por sua vez é a Palavra de Deus como se os homens "tivessem ouvido as palavras pronunciadas pelo próprio Deus".[8] Nesse sentido, a pregação é chamada de Palavra de Deus derivadamente ou por associação; e até aqui, Calvino está de acordo com Zuínglio. Porém isso não a torna menos Palavra de Deus em sentido efetivo. Só porque a pregação é a transmissão do evangelho das Escrituras isso não a torna algo de segunda mão. Como Canon Lilley diz: "Testemunho e aquilo que foi testemunhado devem ser um ato divino sempre presente".[9] A relação entre a pregação e as Escrituras não é apenas próxima, é indissociável. A Bíblia permanece como a fonte, o padrão e a crítica da pregação. O pregador, como diz Calvino em cem passagens nos sermões,[10] deve declarar apenas o que encontra na Bíblia. Ele não sobe ao púlpito para defender suas próprias ideias, e sim as ideias de Deus que no ato de proclamação da igreja, como em todas as suas ações, "sempre reserva para si o senhorio e a soberana superioridade".[11] Está muito correta a afirmação de Lilley de que "foi a identificação do Espírito de Deus e da Palavra de Deus como sendo o montante total do seu relacionamento com o homem que constituía a distintiva originalidade dos ensinamentos de Calvino".[12] Pois, negando a teologia natural e a síntese aquiniana da revelação e da razão, Calvino ensinou que Deus fala com o homem apenas na Bíblia, e que fora disso não há no mundo nenhuma verdade adicional a respeito de Deus. As ideias do homem mais sábio no mundo são ainda apenas as ideias de um homem, e de um homem caído, incapaz de conhecer a Deus ou a sua mente e, portanto, são inúteis para promover a salvação, quando não a atrapalham. A regra geral que o reformador delineia nessa conexão é: o que as Escrituras nos ensinam, devemos aceitar sem discussão ou redução; onde as Escrituras se mantêm em silêncio, também devemos estar humildemente em silêncio ante a secreta

8 *Inst.*, 1, 7, I.

9 LILLEY, A. L., *Religion and Revelation*, p. 85.

10 "Então quando subimos ao púlpito, não é para trazer nossos sonhos e fantasias" (*songes et resveries*, uma expressão favorita) (C. R. XXV, p. 646). Pregadores "não devem promover seus próprios sonhos e fantasias, mas aquilo que eles receberam devem fielmente passar adiante sem adições." (C. R., LIV, p. 8).

11 *C. R.* XXV, p. 646.

12 *op. cit.*, p. 88.

sabedoria de Deus. O pregador, portanto, não tem nada de novo a declarar, pois "os segredos de sua vontade que ele decidiu nos revelar ele confiou na sua Palavra; e estes são tudo que ele previu ser de nossa conta ou para nosso proveito".[13] O seu trabalho não é revelar novas verdades a respeito de Deus, mas relacionar a revelação de Deus dada de uma vez por todas em Jesus Cristo às necessidades de sua própria geração.[14] É de suma importância que as Escrituras não apenas sejam explicadas de um modo geral, mas aplicadas à congregação. A não ser que isso seja feito o pregador está perdendo tempo. Por essa razão, Calvino insiste que os pregadores devem saber ensinar:[15]

> Não é dado a todos o dom de pregar e de discursar sobre a doutrina de Deus. Um homem pode ser fiel, pode levar uma vida santa, e ainda assim ele pode não ter essa capacidade de discursar a Palavra de Deus de modo que ela seja bem recebida. A verdadeira doutrina, portanto, não está em todos, e quando essa está ainda assim deve ser aplicada (*idoine*). (...) Temos muitos que, apesar de serem sábios, ainda assim não têm essa graça de conseguir aplicar a doutrina de modo que outros tirem proveito e sejam edificados.[16]

Logo, nesse primeiro uso do termo, a pregação é a Palavra de Deus porque é a exposição das Escrituras, através das quais apenas Deus se comunica com o homem.

Em segundo lugar, a pregação é a Palavra de Deus porque o pregador foi enviado e comissionado por Deus como seu embaixador, aquele que tem autoridade para falar em seu nome. Ele é assegurado de seu cargo através da consciência interna do chamado do ofício de pastor pelo Espírito Santo, um chamado que é confirmado pelo pedido da igreja. Se ele não foi convocado por Deus, sua pregação não será a Palavra de Deus, mesmo que sua doutrina seja bíblica. Ele deve poder reivindicar que, apenas o que ele diz não é uma invenção da imaginação humana, mas um ensinamento de Deus, ele também não fala em nome de sua própria pessoa, mas como um emissário de

13 *Inst.* III, 21, 1.

14 Cf. BRUNNER, E.: "Nós temos a Bíblia como original e normativa; nós temos a Palavra da igreja como o testemunho vivo em cada nova era. A verdadeira pregação envolve os dois elementos – a Palavra viva para a época e a Palavra viva como o verdadeiro desdobramento da Palavra bíblica. Sem a Palavra da igreja, a Bíblia não estaria presente; sem essa subordinação à Bíblia, a Palavra da igreja não seria cristã." (*The Word and the World*, p. 112.)

15 Cf. Lutero sobre o pregador: *Primo debet esse didacticos*. (*T. R.* II, p. 531). Barth nota que *doctrina* é sinônimo de pregação para Calvino. (*Dogmatics*, I, 1, p. 78-79. Tradução inglesa.)

16 *C. R.* LIII, p. 261.

Deus, para que quando falar seja como se o próprio Deus estivesse falando. Insiste Calvino:

> Não devemos achar isso estranho, pois quando os servos de Deus assim falam, eles não atribuem nada para si, mas demonstram para quê foram comissionados e qual responsabilidade lhes foi dada; então não se separam de Deus. Quando um homem é enviado de um príncipe e possui toda a autoridade para fazer aquilo a que foi designado, e, por assim dizer, toma emprestado o nome de seu príncipe, ele irá dizer: "Nós fazemos isso: nós ordenamos: nós decretamos: nós desejamos que isso seja feito"... Assim também o fazem os servos de Deus, pois sabem que Deus os tem ordenado como seus instrumentos e que ele lhes usa para seu serviço, de modo que não fazem nada de sua própria habilidade, mas é o Mestre quem lhes guia.[17]

O fato de o pastor ter sido chamado por Deus significa que Deus o escolheu para pregar sua Palavra e, portanto, lhe dará esta Palavra a ser pregada. Como Barth diz: "A Palavra de Deus é a comissão sobre a incumbência da qual a proclamação deve se basear".[18] Por outro lado, o fato de um homem ser chamado por Deus para ser ministro de sua Palavra não significa que toda vez que ele pregar Deus é obrigado a pregar também. Isto seria colocar o Espírito Santo em posse e sob o controle do homem – o pecado de Simão Mago. É nesse ponto que Calvino se diferia decisivamente de Lutero, que, em uma passagem já citada, disse: "estou certo de que quando subo ao púlpito para pregar... não é a minha palavra, mas minha língua é a pena de um destro escritor". No extremo oposto, não podemos acusar Calvino de considerar o Espírito Santo na pregação como uma "presença vacilante, que pouco se delonga". Se Deus chamou um homem, foi para o propósito expresso de pregar. Por isso, o pregador pode se assegurar de que Deus irá, de acordo com sua vontade, dar seu Espírito Santo às palavras que forem ditas e fazê-las suas. Mas ele não pode presumir a presença do Espírito, que é dado pela livre bondade e graça de Deus.

Em terceiro lugar, e mais precisamente, a pregação é a Palavra de Deus no sentido de revelação. Aqui chegamos ao âmago da doutrina de pregação de Calvino e também ao coração de todo seu posicionamento teológico. O problema que ele se aventura em responder no *Institutio* é aquele que paira

17 C. R. XXVI, p. 66.
18 *op. cit.*, p. 99.

sobre toda religião: Como pode o homem conhecer a Deus? Ele rejeitou a possibilidade da validez do conhecimento natural de Deus, seja inerente ao homem, ou adquirido pela contemplação da criação. É verdade que existe uma semente de religião no coração de todo homem, mas essa é incapaz de levar um homem a conhecer a Deus. Também é possível para o homem contemplar a maravilha do Criador na sua criação,[19] mas "para Calvino, o conhecimento de Deus o Criador é apenas pela fé na Palavra de revelação de Deus".[20] Esse conhecimento de Deus que resulta na amável comunhão com ele não pode ser adquirido naturalmente. Desse modo, ele limita a revelação do conceito "Somente por Deus pode Deus ser conhecido" para "Somente pela Palavra de Deus pode Deus ser conhecido". O homem não pode encontrar nem pode conhecer Deus, a não ser que o próprio Deus revele a si mesmo em Jesus Cristo. Somente em Cristo pode *Deus absconditus* se tornar *Deus revelatus*: "a não ser que Deus se revele a nós em Cristo, não conseguiremos o conhecimento dele que é necessário para a salvação".[21] Mas em Jesus Cristo, Deus se revelou completamente aos homens, e através de sua morte obediente e sacrificial, o homem recebe todas aquelas bênçãos de que precisa para uma vida de eterna alegria – isto é, liberdade da servidão ao pecado, o perdão dos pecados, membresia na igreja e no reino dos céus, e vida eterna em comunhão com Deus. É trabalho do Espírito Santo trazer ao homem essas bênçãos e fazê-las proveitosas a ele, unindo-o a Cristo; para que Deus, em vez de enxergá-lo como ele é em si mesmo e condená-lo como um pecador, enxergue-o na pessoa de Cristo, com quem ele está unido, e o aceite como justo.[22] "O Espírito Santo é o elo pelo qual Cristo, de modo eficaz, nos une a si mesmo."[23] Mas isso levanta a questão sobre como o Espírito Santo se comunica conosco. Ele fala direta e imediatamente à alma como os fanáticos espirituais acreditavam? Ele fala direta e imediatamente à alma que por sua vez é ensinada pela Palavra no que ela deve acreditar, como diziam os zuinglianos? Ou será que o Espírito é mediado através da Palavra que é lida ou pregada, como Lutero ensinava? Calvino está em maior sintonia com Lutero do que com os reformadores de Zurique. A pregação nesse terceiro sentido é a Palavra de Deus quando Deus fala através

19 Para a atitude de Calvino em relação à Criação, cf. BARTH, Peter: "A contemplação devota de Calvino perante a natureza sugere um espírito de liberdade humanística." (*Das Problem der natürlichen Theologie bei Calvin*, p. 17. Em *Theologische Existenz Heute*, Heft 18.) Esse ensaio é uma refutação ampla da tentativa de E. Brunner de reivindicar o apoio de Calvino para sua teologia natural em *Natur und Gnade*.

20 BARTH, P., *op. cit.*, p. 18.

21 *Inst.* II, 6, 4.

22 Cf. Lutero: "Tu (Cristo) tomaste para ti o que era meu, e me deste o que era teu. O que tu não eras, tomaste para ti, e me deste o que eu não era." *Briefe, W. A.*, I, p. 35.

23 *Inst.* III, 1, 1.

de palavras humanas, revelando-se através delas e fazendo delas o veículo de sua graça. Vamos deixar Calvino explicar isso com suas palavras, a partir de algumas passagens características:

Sermão em Deuteronômio: "E o que é a boca de Deus? É uma declaração que ele nos faz de sua vontade quando nos fala por um de seus ministros."[24]

Sermão em Efésios: "Ali [na pregação] Deus se revela, tanto quanto é conveniente para nós".[25]

Sermão em 1Timóteo: "... Paulo não deseja que um homem ostente a si mesmo para que todo mundo o aplauda e exclame: 'Ó, que eloquência! Ó, que conhecimento! Ó, que mente perspicaz!'... Quando um homem sobe ao púlpito, ele o faz para ser visto do alto e para se sobressair? De maneira alguma! Ele prega para que Deus fale conosco pela voz de um homem."[26]

Isso não é apenas um modo figurativo e colorido de falar reservado ao púlpito e que é abandonado quando uma linguagem teologicamente precisa se faz necessária, pois o mesmo raciocínio está presente em seus escritos acadêmicos:

Institutio iv. 1. 5: "Ele julgou apropriado consagrar a boca e a língua dos homens para o seu serviço, fazendo sua própria voz ser ouvida através deles".

Pequeno tratado sobre a ceia do Senhor: "Para nos manter nesta vida espiritual, o requisito é... nutrir nossa alma com a melhor e mais preciosa dieta. Toda a Escritura nos diz que o alimento espiritual pelo qual nossa alma é mantida é a mesma palavra pela qual o nosso Senhor nos regenerou; mas frequentemente nos explica o motivo, isto é, que nela, Jesus Cristo, nossa única vida, nos é dado e ministrado... Deus designou sua Palavra como o instrumento pelo qual Jesus Cristo, em toda sua graça, é concedido a nós."[27]

Comentário em 1Pedro 1:25: "De fato, não há dúvida de que aquele que planta e o que rega não são nada; mas quando apraz a Deus abençoar o seu trabalho, ele torna sua doutrina eficaz pelo poder de seu Espírito; e a voz do que em si mesmo é mortal se torna um instrumento para comunicar a vida eterna".[28]

Porém não devemos entender dessas passagens que Calvino associava o Espírito com a Palavra oral. Em si, a pregação é uma atividade puramente humana, não mais divina que qualquer outra atividade humana. Um homem pode ter sua vida toda dedicada ao serviço de Deus, pode pregar uma doutrina irretocavelmente bíblica, aplicada com um discernimento

24 *C. R.* XXV, p. 666-667.
25 *Ibidem*, LI, p. 607.
26 *Ibidem*, LIII, p. 266.
27 *Tracts*, vol. 2, Calvin Society, p. 165-166. *C. R.* V, p. 435.
28 Calv. Soc., p. 60 *C. R.* LV, p. 231.

psicológico profundo às necessidades da congregação, e ainda assim não devemos presumir que necessariamente Deus está falando com sua igreja. Antes, Calvino diria que a pregação *se torna* revelação quando Deus soma o seu Santo Espírito: "E vemos como Deus opera através da Palavra que é pregada a nós, que não é apenas uma voz que se propaga pelo ar e desaparece; mas Deus soma a essa o poder do seu Santo Espírito".[29] O testemunho interno do Espírito Santo não era para Calvino outra manifestação sublime da Palavra de Deus que é testificada e explicada pela Palavra externa, como o era para Zuínglio. Ele nega isso em seu comentário de Hebreus 4.12: "Delirante e perigosa são essas noções de que, apesar de a palavra interna ser eficaz, contudo o que sai da boca do homem é sem vida e destituído de todo poder".[30] A Palavra de Deus não pode ser dividida, e no pensamento de Calvino, aquela palavra que ouvimos é a palavra pela qual somos salvos. Não devemos entender por testemunho *interno* do Espírito uma imanência do Espírito ou, como Zuínglio, o Espírito "sempre pronto esperando no coração". O Espírito Santo é dado na pregação da Palavra, concedendo-a, desse modo, o poder espiritual que a transforma num *organum* da graça de Deus, para que através dela Jesus Cristo seja dado, e também a obra que ele fez para a humanidade. A Palavra divina, pregada, cria a fé, perdoa pecados e regenera no caso do ímpio e estabelece, purifica e confirma a fé no caso do crente. "O Espírito coloca seu poder na palavra pregada."[31] Em segundo lugar, devemos entender por testemunho interno do Espírito a iluminação da mente para o entendimento do evangelho. Na verdade, o evangelho é tão claro que dispensa explicação, mas a escuridão e a estupidez de mentes cegas pelo pecado a torna necessária. Esse é o trabalho do Espírito Santo. É ele quem "fura os ouvidos" para receber a Palavra, quem ilumina a mente para entendê-la e quem cria fé para crer em sua procedência divina, aceitá-la e obedecê-la.[32] Mas isso não significa uma separação da Palavra do Espírito, pois é através da Palavra que o Espírito testemunha. Como Lilley diz: "O testemunho do Espírito *para* a revelação é simplesmente o fato de que o Espírito fala *em* revelação".[33] A pregação da Palavra de Deus é a constante renovação, mediada pelo Espírito Santo, da Revelação de Deus Pai dada, uma

29 *C. R.* LIV, p. 11.

30 Calv. Soc., p. 103. *C. R.* LV, p. 51.

31 Em Hebreus 4.12. Calv. Soc. p. 103. *C. R.* LV, p. 50.

32 "Quando vamos ouvir um sermão ou quando tomamos a Bíblia para ler, não devemos ter a arrogância tola de acreditar que vamos facilmente entender tudo que ouvimos e lemos. Mas devemos vir com reverência, devemos esperar completamente em Deus, sabendo que precisamos ser ensinados por seu Santo Espírito, e que sem ele não podemos entender nada que nos é mostrado em sua Palavra." (*C. R.* LIII, p. 300.)

33 *op. cit.*, p. 86.

vez por todas, em seu Filho Jesus Cristo. "Assim, a pregação do evangelho é como uma descida que Deus faz para nos buscar."[34]

O PREGADOR

Das quatro ordens da igreja genebrina – pastores, doutores, diáconos e presbíteros – o pastor era o principal. Somente ele podia pregar e ministrar os sacramentos, e a ele era confiado o governo da sua igreja. Calvino considerava as denominações neotestamentárias de bispo, sacerdote, ministro e pastor como referências ao mesmo cargo,[35] que ele estabeleceu sob o título de pastor. Ele identificou cinco cargos "regentes" em Paulo (Ef 4.11): apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores. Os três primeiros, de acordo com ele, eram próprios da igreja apostólica, mas se surgisse a necessidade, Deus poderia levantar homens para esses cargos em qualquer época. Os dois últimos são comuns de qualquer época, a diferença entre eles sendo que o trabalho dos doutores consistia inteiramente de teologia ("a interpretação das Escrituras") enquanto que as tarefas do pastor incluíam a pregação, ministração dos sacramentos, manutenção da disciplina e a formulação da teologia.[36] No entanto, apesar de apóstolos, profetas e evangelistas serem próprios da igreja apostólica, "pastores (com a exceção de que cada um detém o governo de uma igreja particularmente designada a ele) exercem a mesma função que os apóstolos".[37] A diferença – pelo que parece, a única – entre os dois cargos era a extensão de sua influência; enquanto que apóstolos eram enviados a todo o mundo e não estavam vinculados a nenhuma igreja em particular, pastores detinham o cuidado de uma igreja local. Aqueles que pregam a verdadeira Palavra de Deus, Calvino declara, estão em real conformidade com a sucessão apostólica.[38]

Uma afirmação tão elevada clama por um ideal igualmente elevado. Esse cargo tão sublime deveria ser protegido ciosamente para excluir os indignos e desqualificados e permitir ao pastorado apenas aqueles mais aptos em todos os sentidos: "um homem deve ser excelente (*exquis*) para ser escolhido a esse chamado".[39] É óbvio que nem todos são aptos ao pastorado; conhecimento das Escrituras e integridade doutrinária devem acompanhar a

34 *Predigten über das* 2. *Buch Samuelis* (1936), Bd. 1, p. 136.

35 "Pastor, ministro, bispo e sacerdote – todos estes são sinônimos nas Escrituras. Isto é, esses termos se referem àqueles que são chamados na igreja de Deus para ensinar e governar sua casa." (*C. R.* LIII, p. 234.)

36 Veja *Inst.* IV, 3, 4.

37 *Ibidem*, IV, 3, 5.

38 *C. R.* LIV, p. 385.

39 *Ibidem*, LIII, p. 233.

fidelidade, o zelo e a santidade. Porém, tão importante quanto estes, e sem o qual nenhum homem pode ser um bom pregador, é o dom do ensino. A não ser que o pensamento na Bíblia seja feito contemporâneo e relacionado às necessidades e condições da congregação, o pregador está apenas vibrando o ar. Portanto, ele deve entender três coisas, o evangelho, a natureza e as necessidades do povo, e a arte do ensino. Sem esta última qualificação, o mais profundo conhecimento das Escrituras e o mais penetrante discernimento da natureza humana não fazem um homem apto ao cargo da pregação. É dever do corpo votante descobrir um candidato ao ministério que tenha as qualificações necessárias ao ofício. Porém, antes de se apresentar, o candidato deve possuir a segurança interna de que é Deus quem o chamou para esta obra. Calvino denomina isso de "chamado secreto" que é "o testemunho honesto do coração, que nós aceitamos o cargo oferecido a nós, não por ambição ou avareza, ou por qualquer outro motivo ilícito, mas por um sincero temor a Deus, e por um zelo ardente para a edificação da igreja".[40] Por isso, antes de ser eleito e ordenado pelos homens, o pastor deve ser eleito e ordenado pelo próprio Deus, que, por mais que ele escolha apenas aqueles que são aptos, ainda tem a liberdade de escolher um em vez do outro.[41] Essa liberdade de escolha de Deus é o fator determinante para a ordenação. A menos que seja enviado por Deus, nenhum homem pode ser um pregador da Palavra de Deus, pois ele dá sua Palavra apenas àqueles que enviou, isto é, seus embaixadores. Todos os outros são usurpadores e mercenários, e não pastores de verdade. Quando, porém, o candidato está assegurado dentro de si do seu chamado divino, e foi devidamente eleito pela igreja, ele é ordenado pastor pela imposição de mãos – um costume apostólico que "é muito útil tanto para recomendar ao povo a nobreza do ministério, quanto para exortar aquele ordenado de que ele não é mais seu próprio mestre, mas será dedicado ao serviço de Deus e da igreja".[42]

Pode parecer que a ideia de Calvino sobre a pregação exaltava o pastor, tanto na prática quanto na teoria, a uma posição de poder arrogante sobre o povo; que, na verdade, pastor era outra forma de dizer padre. Todavia, pelo contrário, Calvino insistia sempre que o chamado divino deve produzir no pastor o efeito exatamente oposto. Não é a palavra do pregador que é importante, mas a Palavra de Deus, que fala independente das qualidades de um homem. Desse ponto de vista, o pregador é completo insignificante em si mesmo. Ele é apenas um servo, um embaixador. Toda dignidade e

40 *Inst.* IV, 3, 11. Cf. *C. R.* LIII, p. 237-238.

41 "É Deus quem reserva para si a tarefa de ordenar quem quer que ele deseja ordenar" (*C. R.* LIV, p. 7.)

42 *Inst.* IV, 3, 16.

autoridade que possui provêm de sua humildade, uma vez que ele é apenas uma testemunha de um Senhor sublime, e apenas um servo de Deus e de sua igreja. Além disso, o pastor nunca deve depender de sua própria habilidade para cumprir uma tarefa, ele deve buscar a Deus para orientação e força. O esplendor dessa tarefa e as grandes qualidades que isso demanda, tornam as dificuldades que a envolvem tão grandes que nenhum homem pode executá-la sozinho de modo correto: "aquele que aspira ao pastorado na igreja de Deus deve, em primeiro lugar, considerar a dificuldade do ofício (...) Ninguém pode seguir esse chamado a não ser aquele que recebeu poder e graça dos céus."[43] Ainda assim, por outro lado, ninguém deve se desesperar com a sua própria insuficiência, pois se Deus realmente o chamou, isso não será em vão e ele vai lhe guiar e usar sua fraqueza para seu serviço. Após o pregador ter feito tudo que podia fazer, lhe resta apenas clamar em sua impotência: "Venha, Espírito Santo!"

A maior dificuldade de um pregador é exatamente a questão sobre o que deve pregar. Calvino responde a isso eliminando o espaço no púlpito para qualquer pensamento humano. Deus fala apenas através de sua Palavra, as Sagradas Escrituras. Portanto, o pregador deve se ater aos ensinamentos das Escrituras, nada somando ou omitindo: "o que ele recebeu, isso ele deve fielmente repassar".[44] Antes de proclamar "Assim diz o Senhor", o pregador precisa conhecer, de modo claro e decidido, o que de fato diz o Senhor. A Bíblia é o critério e a crítica da pregação – *Scriptura duce et magistra*. Calvino frequentemente explicava essa subordinação da pregação às Escrituras usando como ilustração uma escola. O pregador deve ir à escola da Bíblia, onde o mestre, Deus, irá instruí-lo, de forma que ele possa ensinar aos outros o que aprendeu. "Ninguém será um bom ministro da Palavra de Deus sem antes ser um estudioso."[45] E novamente, em uma passagem que soa moderna:

> Quantos ministros da Palavra encontramos cujo treinamento nas Sagradas Escrituras é tão pobre!... Pois eles nunca tomaram o hábito de se moldar à língua do Espírito Santo, como bons estudiosos. Se um estudioso é hábil, e seu mestre também for um bom professor, ele não apenas lembrará o que lhe foi ensinado, mas também reterá algumas características de seu mestre, para que seja dito: "Ele frequentou tal e tal escola."[46]

43 *C. R.* LIII, p. 235.
44 *Ibidem*, LIV, p. 8.
45 *Ibidem*, XXVI, p. 406.
46 *Ibidem*, LIV, p. 68.

Além disso, o pregador deve mostrar por sua vida que ele também é obediente à Palavra que prega; sua vida deve ratificar sua doutrina. Na verdade, a primeira obediência deve vir de si mesmo, pois não tem direito de ordenar às pessoas algo que ele não esteja no mínimo tentando obedecer. Calvino demonstra, pelo uso contínuo do pronome "nós" em seus sermões, que suas palavras são endereçadas para ele tanto quanto para a congregação. Ai do professor se não der o exemplo de santa obediência e reverência para com a Palavra de Deus que ele proclama. "Seria melhor", declara Calvino, com fervor, "que quebrasse seu pescoço subindo ao púlpito, se ele não se esforça primeiro em seguir a Deus".[47]

O pregador deve sempre lembrar por que foi ordenado, lembrar que ele é um embaixador de Deus para declarar o perdão dos pecados através de Jesus Cristo, "que ele foi enviado para conseguir a salvação das almas".[48] Calvino não era o teórico frio e calculista, isento de qualquer sensibilidade humana, que seus inimigos, passados e presentes, o acusam de ser. Na verdade, Paul Henry assegura enfaticamente que ele tinha "compaixão profunda pelas almas e amor pela humanidade caída".[49] Calvino insiste, tanto pelo exemplo quanto pelo preceito, que o pregador deve ter como objetivo a salvação de seus ouvintes, direcionando toda sua atenção e energia para esse fim. "Não há melhor forma de empregar nossa vida e nossa morte", ele diz, "do que trazendo à salvação aquelas pobres almas perdidas que andam na estrada para a morte eterna".[50] A salvação não era, para ele, como é para alguns sectários, sinônimo de conversão; quer dizer, não era um ato desenvolvido de uma só vez, mas começava com a conversão e se consumava nos céus. Deus não apenas usa a pregação para chamar os homens ao arrependimento, mas também para confirmar e santificar a alma, escoltando-a sempre à salvação.

Em todas essas qualificações para o pastor, vemos que ele é, como Calvino dizia, "um ministro da divina Palavra". As outras tarefas pertencentes a esse ofício eram secundárias à pregação. Antes da aplicação dos sacramentos, antes da organização e da disciplina, vem a pregação da divina Palavra. Pois os sacramentos dependem da Palavra para sua existência, e a organização eclesiástica existe para tornar possível a pregação e revestida de autoridade. Se um pastor não pode pregar, não deveria ser pastor. "A pregação

47 *C. R.* XXVI, p. 304.

48 *Ibidem*, LIII, p. 235.

49 *Life and Times of Calvin*, vol. 1, p. 422. Ele traz três citações de Calvino para apoiar sua afirmação:
"Que a ansiedade queimava e nos atormentava sempre que precisávamos aplicar o sacramento."
"O pregador deve prestar contas de cada alma."
"O sangue das almas será demandado do pastor."

50 *C. R.* LIII, p. 238.

da Palavra de Deus acreditava-se ser constituinte essencial do ministério."[51] Quando estivesse verdadeiramente pregando a divina Palavra, o pastor estava desenvolvendo o trabalho mais exaltado do mundo. Ele estava cooperando na ação redentora de Deus, trazendo pecadores à salvação, construindo a igreja de Cristo, e, acima de tudo, glorificando a Deus, o Senhor de quem ele era embaixador.

A CONGREGAÇÃO

Publicações em homilética raramente tratam da atitude e do dever da congregação em relação à pregação. Calvino, contudo, fala sobre o lugar da congregação e também sobre o trabalho do pregador. Ele está continuamente ensinando o que eles devem buscar em uma pregação, em qual espírito devem vir a um sermão, e o que é esperado deles ao ouvi-lo. Seu objetivo era que o povo, e não apenas os pastores, entendessem a verdadeira natureza da pregação, e que não apenas a aceitassem em resignação, mas que também a desejassem como grande bênção em suas vidas, e que fossem tão ativos no sermão quanto o próprio pregador.

Uma obediência absoluta e incondicional é exigida daqueles que ouvem a Palavra de Deus pregada. Ninguém pode dizer que discorda da doutrina, pois é o que o próprio Deus ensinou aos homens. Ninguém pode contestar que o padrão é alto demais para ele, pois foi Deus quem ordenou que fosse perfeito. Ninguém deve achar que está além da necessidade de ouvir a pregação porque sabe interpretar a Bíblia por si só. Não há dúvida de que se a pregação fosse apenas um homem oferecendo conselho espiritual para aqueles religiosamente inferiores a ele, então quem fosse espiritualmente avançado não precisaria dessa ajuda; mas uma vez que é o próprio Deus quem fala na pregação aos homens, ninguém pode dizer que sabe o suficiente ou que está santificado além da necessidade de ajuda divina. "Nós vemos", diz Calvino, "que os mais estudados precisam ser ensinados, os mais justos precisam ser exortados. Se Deus já nos colocou no bom caminho e nos concedeu os dons do Espírito Santo, não devemos achar que a pregação (*la doctrine*) não é mais necessária para nós, pois devemos ser guiados até o fim uma vez que nossa perfeição não está neste mundo."[52] As pessoas devem ser obedientes ao evangelho, não por conta do aprendizado ou de alguma autoridade do pregador, mas porque ele é um embaixador, falando em nome de Deus e declarando sua vontade. Em si mesmo ele pode ser o menos importante

51 AINSLIE, J. L. *The Doctrines of Ministerial Order in the Reformed Churches of the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, p. 43.

52 *C. R.* XXV, p. 638.

dos homens, um homem "desprezível em relação à carne", porém se estiver pregando a doutrina genuína, suas palavras devem ser recebidas com reverência e obediência. Em um sermão sobre Deuteronômio, Calvino declarou a autoridade ilimitável do pregador e no que ela consiste:

> É especialmente dito: "O povo se rebelou contra a boca de Deus." E como é isso? Não está narrado que Deus apareceu visivelmente, ou que uma voz foi ouvida dos céus. Não, era Moisés que havia falado, foi um homem que falou que o povo resistiu à boca de Deus. Assim vemos como Deus deseja que sua Palavra seja recebida com a mesma humildade quando ele envia homens para declarar o que ele ordena, como se ele mesmo estivesse em nosso meio. A doutrina que é proferida em nome de Deus deve ser revestida de autoridade como se todos os anjos do céu tivessem descido a nós, como se o próprio Deus tivesse revelado sua majestade diante de nossos olhos. Desta maneira, ele deseja testar a obediência de nossa fé.[53]

A visão de Calvino sobre a autoridade do pastor é ilustrada por, e também explica, sua própria atitude em relação a seus inimigos em Genebra. Ele podia ignorar com magnanimidade qualquer insulto endereçado a ele como pessoa, mas se um suspiro fosse proferido contra seu evangelho, ele atacava o ofensor com um amargor que era tão extremo quanto estranho à sua natureza. Quando Amy Perrin se propôs a ser uma tormenta na vida do reformador, tudo que recebeu em troca foi uma carta carinhosa e uma proposta de amizade. Mas quando Gruet atacou a autoridade do pastor com sua placa maliciosa, ele foi executado; quando Castellio negou a doutrina da predestinação ele foi banido; e quando Pierre Ameaux declarou que Calvino pregava uma falsa doutrina, o reformador insistiu em uma pena severa. Rejeitar o evangelho era rejeitar a Deus, um crime muito mais horrendo para os olhos dos cristãos daquela época do que assassinato ou roubo.

No entanto, apesar da autoridade da Palavra de Deus ser absoluta, o que se esperava do povo não era uma obediência cega e irracional. Pelo contrário, eles devem ouvir o sermão de maneira crítica, julgando entre o que é e o que não é a Palavra de Deus. Mas como podem discriminar entre a Palavra de Deus e a palavra do homem? A resposta de Calvino era que deviam testar a pregação a partir das Escrituras. Do mesmo modo que o pregador deve

53 *Ibidem*, p. 713.

receber seu evangelho da Bíblia e criticar todas suas ideias pela sua doutrina, também as Escrituras são o critério – e o único critério – pelo qual o povo deve julgar um sermão. Tudo que não for bíblico deve ser rejeitado; tudo que for bíblico deve ser aceito em humilde obediência. Depois da passagem que já citamos, Calvino concluiu:

> É verdade que quando um homem fala, devemos julgar suas palavras. Pois se alguém aceitasse tudo que fosse dito, não haveria distinção nenhuma entre os mentirosos e os falsos profetas, que seduzem a alma dos homens, e os ministros de Deus. Mas quando temos um testemunho claro de que aquilo que nos é trazido provém de Deus (como quando o pregador mostra pelas Escrituras que ele não está inventando nada e que se atém em simplicidade à lei e ao evangelho) então quem for teimoso certamente não está disputando com uma criatura, mas claramente resistindo a Deus, que deseja ser ouvido quando fala através do homem e quando o usa como seu agente.[54]

Essa obediência também não significa um medo servil do Deus terrível que está falando, e sim uma aceitação grata, humilde e alegre das bênçãos que são oferecidas na pregação. Caso Deus se revelasse visivelmente aos homens, estes seriam dominados pelo medo e, em vez de se aproximar dele, fugiriam de sua presença a fim de não serem consumidos pela sua majestade. Mas com a pregação, Deus graciosamente cativa o homem para si. Sua presença é, por assim dizer, refratada pela ocorrência cotidiana, um homem falando. Além disso, mesmo que um pregador precise condenar ou repreender, isso é apenas para que o povo se arrependa, pois na sua essência o evangelho é conforto e graça.[55] Portanto, a obediência que o povo deve à Palavra de Deus não é apenas acionada pelo temor de sua grandeza (*mysterium tremendum*), mas é a obediência de fé, uma fé de todo seu ser no evangelho e em Jesus Cristo a quem ele testemunha.

O critério final e definitivo para distinguir entre a Palavra verdadeira e palavras falsas é o testemunho do Espírito Santo ao evangelho. A não ser que o Espírito Santo ilumine a mente e conceda vida à pregação, ela continuará sendo apenas palavra humana sem poder para trazer salvação. Mas se

54 *C. R.* XXV, p. 713-714.

55 Cf. *The Formula of Concord*: "Rejeitamos como dogma falso e perigoso a afirmação de que o evangelho é propriamente uma pregação de arrependimento, repreensão, acusação e condenação dos pecados, e que não é somente e apenas a pregação da graça de Deus." (*The Creeds of the Evangelical Protestant Churches*, p. 130. Org. P. Schaff.)

ele de fato testemunha na Palavra, o efeito será tão forte para o ouvinte que não haverá dúvida de que Deus tenha de fato falado. Portanto, as pessoas não devem pensar que são capazes de entender tudo que lhes é dito. Elas são de fato completamente incapazes de entender o evangelho a não ser que o Espírito Santo as ilumine. Assim, antes de ir à igreja, e quando chegarem lá, elas devem orar para que o Espírito Santo lhes revele Jesus Cristo no evangelho e esperar, em uma atitude de humilde confiança e obediência, o que Deus dirá a elas. "Não temos espírito para entender nada relacionado ao reino espiritual de Deus... mas nosso Senhor nos dará o entendimento em todas as coisas, de modo que, quando ele nos der sua Palavra, ele também abrirá nossos olhos e ouvidos, e não apenas nos dará inteligência mas também formará nosso coração para que sigamos a ele quando ele chamar."[56]

56 C. R. LIV, p. 114.

Capítulo 5

O EVANGELHO DE CALVINO

Fazer um levantamento e desenvolver uma crítica sobre toda a teologia expressa nos sermões de Calvino não seria apenas uma tarefa muito além do escopo deste ensaio, como também seria em grande parte supérfluo, uma vez que o próprio Calvino já fez esse levantamento em suas *Institutas*, e não nos faltam homens para suprir a crítica. Portanto, devemos nos restringir e discorrer da maneira mais direta e objetiva possível sobre os pontos principais da mensagem que o Reformador tinha para seu povo.

Calvino nos forneceu um guia de como interpretar o seu evangelho quando ele o resumiu para sua congregação da seguinte forma:

> Sempre que ouvimos o sermão, somos ensinados sobre as promessas gratuitas de Deus, para mostrar que é sempre em sua bondade e misericórdia que devemos confiar, que não devemos nos apoiar em nossos méritos, nem em nada que provém de nós, mas Deus deve estender sua mão para começar e realizar tudo. E isso (as Escrituras ensinam) é aplicado em nós por nosso Senhor Jesus Cristo, de modo que devemos buscar a ele completamente... e temos de entender que somente Jesus Cristo deve nos guiar. E isso é revelado a nós todo dia. Também é declarado que o serviço a Deus não pode consistir na invenção de devoções tolas ... mas devemos servir a Deus em obediência. Depois disso, é mostrado que, em primeiro lugar, devemos oferecer em sacrifício nosso coração e paixões a ele, e que a hipocrisia lhe é detestável. Tudo isso é declarado a nós, diariamente. Após isso, é mostrado que podemos clamar a Deus;

> é mostrado a quais sinais fomos batizados e qual é o fruto de nosso batismo em nossas vidas, e até em nossa morte; e nos é revelada a razão de celebrarmos a Ceia do Senhor. Tudo isso é declarado a nós, em cada dia.[1]

Aqui se pode observar clara e inconfundivelmente as qualidades da *kerygma*, que há muito tempo se havia perdido na pregação medieval. Em vez de moralizações e conselhos sobre como propiciar Deus, o que nos é declarado é a graça de Deus em Jesus Cristo. Porém, não encontramos apenas a *kerygma* aqui; também vemos a *didache* e a *paraklesis*. A razão dessa mistura não apostólica é que a posição da igreja em relação ao mundo alterou muito desde os tempos apostólicos.[2] Em vez da congregação se constituir quase exclusivamente de crentes, agora estes provavelmente eram a minoria, uma vez que frequentar a igreja era compulsório para todos os cidadãos. Portanto, era necessário introduzir a *kerygma* na igreja em prol dos não crentes; mas como os crentes precisavam ser edificados, a *didache* e a *paraklesis* também estavam presentes.

Esse evangelho trata principalmente da relação de Deus com o homem e do homem com Deus. Disso procede a vida dos crentes neste mundo e a relação do homem com o homem (a que Calvino apenas faz alusão na passagem acima). Esse relacionamento tríplice constitui o todo de seus ensinamentos.

DEUS E O HOMEM

A ideia de Calvino a respeito de Deus é fundamentalmente a de que ele é o Senhor Soberano. Isso não significa que ele seja um déspota tirânico e inconsistente,[3] mas que ele é o único e verdadeiro Deus, que não possui semelhantes,[4] e mantém sua glória ciosamente. Ele é o incognoscível e o incompreensível perante o qual todos devem se manter em humilde silêncio. Ele é o Juiz que observa cada ação do homem, que vinga o pecado e recompensa a bondade com amor. Ele é o criador e sustentador de todas as coisas. Por ser justo, sua vontade não pode ser questionada; por ser santo, todos os pecadores devem cair diante dele em vergonha. Pois ele é o inimigo do homem,[5] não do homem enquanto criatura, mas do homem enquanto

1 *C. R.* XLIX, p. 661.

2 Existem algumas semelhanças entre as igrejas do século 16 e as igrejas do 4º século. Hoje a situação é bastante diferente de ambas, as igrejas do século 16 e do 1º século e, portanto, pode requerer novos métodos.

3 Cf. *C. R.* XXXIV, p. 345.

4 *Ibidem*, XXVI, p. 253.

5 Veja o 3º sermão sobre a Justificação.

pecador. Pois no início Deus criou o homem em sua própria imagem, como objeto de seu amor: mas o homem, arrogante, aspirando mais do que a obediência e a dependência que lhe cabem como criatura, desobedeceu a Deus. Este ato, trivial em sua aparência, mas prometeico em sua essência, teve consequências devastadoras; não apenas desfigurou a natureza e desordenou todas as coisas, mas o próprio homem foi expulso da presença de Deus, como um rebelde e inimigo. Porém, surpreendentemente, maior do que o seu ódio pelo rebelde era o amor de Deus por ele. Punir era, de certo modo, contrário à sua natureza. Não que não caiba a Deus condenar tanto quanto mostrar misericórdia, mas a sua bondade amorosa é muito maior.[6]

Portanto, a relação básica entre Deus e o homem é uma relação paradoxal de amor e ódio, e Calvino nunca destrói a tensão que existe entre esses dois, ele não se permite aquele sentimentalismo confortável no qual o amor de Deus se torna injusto e indulgente, e nem o paganismo desesperador no qual o ódio sem amor se torna um destino cego e trágico. Deus ama porque é de sua natureza amar; ele odeia porque é contrário à sua natureza amar o pecado. Logo, o ódio é ocasionado apenas pela rebelião do homem. Porém, a atitude de Deus para com o homem não é a intercorrência de amor ou de ódio, mas é simultaneamente amor e ódio. Ele tanto amou quanto odiou o homem pecador. Ele demonstrou seu amor oferecendo bênçãos materiais para que o homem desfrutasse e, o mais importante, sendo misericordioso e piedoso para com ele, pois a verdadeira natureza de Deus é que ele não deseja nada mais que trazer o homem para perto de si com suavidade, e usar de sua bondade para com todos. O amor de Deus é a fonte da salvação do homem.

A rebelião orgulhosa e intencional do homem, longe de ter o glorioso efeito de torná-lo parecido com Deus, como ele desejava, teve justamente o efeito oposto, afundou-o em miséria. A imagem de Deus, na qual ele foi criado, foi irreparavelmente destruída e ele se tornou um abismo do mal, de rebelião e de desobediência. "O que é a alma humana?" pergunta Calvino. "Ela é uma oficina entulhada com toda sorte de maldade."[7] Isto é verdade não apenas para os pecadores notórios como também para os respeitáveis; todos que nascem neste mundo estão infeccionados pelo pecado em seus desejos, intenções, pensamentos e ações. Até mesmo a sua religiosidade, o altar que ele constrói para seu deus, apenas provoca a ira de Deus contra ele. Desse modo, não há nada de bom no homem: "Precisamos estar cientes de que em nosso estado natural somos tão inimigos de Deus que tudo que

6 Veja o 32º sermão em Deuteronômio.
7 *C. R.* 1., p. 547.

concebemos é contrário a ele, e não há nada que possamos pensar, dizer ou fazer que não nos traga ainda mais condenação".[8] Por causa do seu pecado, que é como uma escuridão densa que lhe envolve e sufoca para que não possa ver Deus, o homem está desligado do favor de Deus e é incapaz de se voltar a ele em arrependimento, amor e fé.

É essa a condição do homem que se depara com o amor e com o ódio de Deus. Sua rebelião solicita a justa condenação, de modo que "estamos todos amaldiçoados, condenados e perdidos".[9] Porém, a sua miséria instiga a compaixão de Deus, e por sua bondade ele olha para o homem com piedade e misericórdia. Não existe a hipótese de recompensa pela bondade ou pelo merecimento, pois ambos estão completamente em falta no homem. A salvação advém única e simplesmente do amor de Deus – *de la pure bonté de Dieu* – e não tem nenhuma outra fonte ou fundação. Qualquer tentativa da parte do homem de oferecer algo que possa contribuir para sua salvação, seja isso bondade inerente, boas obras ou até mesmo fé, é barrada pela rejeição de Deus. Graça significa que Deus não foi forçado ou obrigado a ter misericórdia, mas foi bondoso para com o homem, apenas porque assim o desejou. A graça também significa que Deus ativamente demonstrou seu amor ao homem para lhe restaurar a antiga condição de comunhão e obediência.

E aqui chegamos à doutrina da predestinação de Calvino, que está intimamente ligada à sua doutrina da graça. Ele não tinha receios em declarar a predestinação de maneira extrema no púlpito,[10] mas dava a ela um significado religioso e prático em vez de acadêmico. Deve ser lembrado – ele advertia as pessoas quando tratava desse assunto – que isto é *un secret incomprehensible, une matière haute et profonde*. Ele insistia com as pessoas para que aceitassem essa doutrina, pois era ensinada nas Escrituras, mas não deviam deixar que isso preocupasse sua fé, pois deveria servir como consolo e segurança.

A razão fundamental da eleição é a secreta vontade de Deus. A resposta final para a pergunta: "por que Deus amou a Jacó, mas odiou a Esaú?" é simplesmente "il lui plaist ainsi". Mais longe disso não podemos ir, pois não devemos buscar "fazer uma anatomia de Deus, ou até mesmo de seu

8 *Ibidem*, XXIII, p. 699.

9 *C. R.* XXIII, p. 697.

10 E. Brunner está completamente enganado na sua afirmação precipitada de que Calvino "nunca pregou sobre a doutrina de predestinação dupla" (*The Divine-Human Encounter*, p. 91). Ele ensinou sobre a reprovação em sua série sobre Esaú e Jacó, por exemplo (veja *C. R.* LVIII). A melhor crítica da doutrina de Calvino é a de Karl Barth. Em vez de negar a biblicidade da reprovação, como Peter Barth e Brunner, ele a afirma, mas ataca o *decretum absolutum* como sendo teologia natural. (Veja a análise de E. W. Camfield sobre a *Dogmatik* II, 2 em *Theology*, XLVI, n. 271, p. 3 ss.)

coração, e desenterrar os seus segredos",[11] e contra qualquer especulação extravagante, devemos reconhecer que a mente e os caminhos de Deus são incompreensíveis a nós, e devemos louvá-lo em humildade.[12] Essa é a resposta de Calvino ao problema do porquê de Deus escolher um e rejeitar outro. Mas quando se trata da questão de por que Deus sequer escolheu alguém, a resposta é que Deus teve piedade da miséria dos pecadores e na sua amorosa graça e misericórdia escolheu a eles para serem seus filhos. Ele não foi persuadido a isso por conta dos seus méritos e nem por conta de ter a previsão de que no futuro eles mereceriam o seu amor. Na verdade, ele teve a previsão apenas da corrupção em todos os homens, e sua eleição foi completamente pela graça.

Pelo que foi dito até agora, a impressão é que o conceito de Calvino sobre predestinação, e até mesmo da salvação, é simplesmente uma questão da vontade de Deus, e que Cristo é desnecessário, ou apenas necessário como instrumento através do qual Deus cumpre sua vontade. Existe aqui uma séria dificuldade na teologia de Calvino, e é bom que ele não tenha seguido com suas ideias até sua conclusão lógica, e tenha se mantido em subordinação às Escrituras. Apesar de afirmar constantemente que a eleição é "em Cristo" e que não deve ser considerada fora dele, Calvino nunca obteve muito sucesso em conciliar, de um modo inteiramente satisfatório, estas duas linhas de raciocínio (a eleição pela vontade de Deus e a salvação em Cristo) que percorrem toda sua teologia em um relacionamento conturbado. Portanto, é necessário que façamos o salto, junto com Calvino, por cima dessa temível fenda e aterrissemos na terra firme de sua Cristologia.

Reinhold Seeberg diz que em seus ensinamentos sobre Cristo Calvino reproduziu a doutrina ortodoxa da igreja e relacionou-a com a ideia de redenção.[13] Isto é claramente visível em seus sermões. Jesus Cristo é tão homem quanto qualquer outro homem; porém ele também é Deus tão literalmente quanto o Pai é Deus. Ele é o Filho de Deus não pela graça, criação ou adoção, como outros homens, mas por direito próprio. A diferença entre ele e os outros homens é que ele foi concebido pelo Espírito Santo. Porém, ele é nosso irmão e compartilhou de todas as misérias de nossa mortalidade, exceto o pecado. Tudo isso ele fez não para si, mas por nós. Por nós ele se encarnou; por nós ele viveu; por nós ele morreu e ressuscitou; por nós ele ascendeu à majestade do Pai. No pensamento de Calvino, Cristo e a redenção não podem ser separados um do outro.

---

11 *C. R.* LVIII, p. 50.

12 Cf. as belas palavras do Dr. G. Oorthuys no *International Calvinist Congress* de 1936: "Calvin finit en adoration" (*De l'Election Eternelle de Dieu*, p. 213).

13 *Lehrbuch der Dogmengeschichte*, 4, 2, p. 582.

Entre Deus e o homem se estendia a divisão infinita do pecado que o homem não podia transpassar. Mas em sua compaixão pelo homem, Deus aboliu essa divisão ao vir à terra na pessoa de Jesus Cristo. Na terra, a sua glória estava velada do discernimento natural; ele não carregava nenhuma beleza que os homens desejassem, e sua beleza espiritual estava escondida do mundo.

> Apesar de nosso Senhor Jesus Cristo estar humilhado, carregando o véu da natureza humana que escondia, por assim dizer, a sua glória, ele ainda não estava degradado em si mesmo. Pois sabemos que os anjos o reconheciam como o Rei Soberano, apesar de ele estar num estábulo; e apesar de estar jogado no chão, como uma criatura abandonada e desamparada, as estrelas dos céus lhe faziam testemunho.[14]

Porém, mesmo estando escondido aos olhos do mundo, ele se revelou a alguns como sendo o Filho de Deus, o Sacrifício pelos pecados, o único Sacerdote para a reconciliação do homem a Deus, o Advogado do homem perante Deus, o Caminho ao Pai. O resumo do evangelho, de acordo com Calvino, está em uma palavra – Jesus. Essa tarefa mediadora ele desenvolveu através de sua vida e (principalmente) através de sua morte e obediência ativa.

Calvino segue os passos dos pregadores do Novo Testamento e faz da expiação[15] o ponto central do seu evangelho. O caminho da cruz é o único caminho para a salvação. "Não há outra maneira nos céus ou na terra para nos justificarmos com Deus a não ser através do preço pago por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual ele pagou por nossos pecados; isto é, através da sua morte e paixão."[16] Calvino entende a morte de Cristo como sendo o trabalho de Deus – "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo para si". A crucificação não aconteceu pela vontade de seus inimigos, mas pela vontade de Deus. Na cruz Deus estava demonstrando a sua misericórdia para com os pecadores. "Nosso Senhor Jesus Cristo foi açoitado e espancado pela mão de Deus para que pudéssemos ser libertos."[17] Calvino descreve sua visão sobre a expiação de cinco maneiras.

---

14 *C. R.* L, p. 284.

15 A doutrina da expiação de Calvino apresenta várias dificuldades. Por um lado ela tem algumas semelhanças com o que o Dr. Gustaf Aulén chama de teoria "clássica" (veja *Christus Victor*, p. 20 ss.), por outro lado ele adota a terminologia anselmiana. Uma análise cuidadosa pode trazer resultados bastante interessantes.

16 *C. R.* XXXV, p. 627.

17 *C. R.* XXXV, p. 624. Cf. p. 623: "Deus visitou seu rigor em Jesus Cristo: ele amava-o, todavia desejou afligi-lo por nossas falhas."

1) Cristo foi um sacrifício, carregando os pecados do mundo e a maldição de Deus do mesmo modo que os sacrifícios do Antigo Testamento, que eram imagens desse sacrifício único e verdadeiro. Portanto, ele sentiu na cruz não apenas a agonia física, mas também a tormenta da alma:

> Veja por que está narrado que nosso Senhor Jesus Cristo não apenas desejou sofrer a morte e se apresentou como sacrifício para saciar a ira de Deus, seu Pai; mas com o objetivo de ser a nossa verdadeira e total garantia, ele não recusou sofrer as aflições reservadas para aqueles que são acusados pela consciência e que se sentem culpados de morte e de condenação eterna perante Deus.[18]

Ao saciar a ira de Deus, ele fez reconciliação entre Deus e homem. Mas a frase "para saciar a ira de Deus, seu Pai" não pode ser entendida como se a morte de Cristo tivesse persuadido um Deus relutante em mudar de opinião e amar o homem, pois ele já amava o homem, e a cruz foi a atividade do seu amor para com o homem. Isto é "a dualidade essencial da ideia clássica – a saber, que Deus é, de uma só vez, Reconciliador e Reconciliado".[19]

2) Sua morte foi uma satisfação para o pecado. Porém, como Albrecht Ritschl mostrou,[20] não devemos tomar de Anselmo e dos escolásticos o significado dessa palavra. Calvino estava muito longe da ideia de que o pagamento de Cristo foi simplesmente o trabalho do homem Jesus e, portanto, distinto do propósito e da ação de Deus. O pagamento de cruz e a misericórdia de Deus não podem ser separados. Para citar Aulén novamente: "O pagamento é feito *por* Deus, não apenas *para* Deus".[21] Assim, Calvino pode dizer que nosso Senhor "é enviado como o Cordeiro sem máculas para nos purificar e fazer o pagamento de todas as nossas dívidas".[22]

3) A morte de Cristo também foi um ato de obediência, para cobrir nossa perversidade e fazer expiação por nossos pecados. Sua paixão e morte foram o exemplo máximo da obediência que ele demonstrou durante toda sua vida. Novamente aqui não devemos entender a obediência de Cristo como algo separado da graça de Deus, mas como obediência à vontade de Deus, através da qual, no amor de Deus pelos pecadores, ele foi predestinado a morrer.

---

18 *Ibidem*, XLVI, p. 834.
19 AULÉN, *op. cit.*, p. 132.
20 Veja o seu *History of the Christian Doctrine of Justification and Reconciliation*, p. 206 ss.
21 *op. cit.*, p. 135.
22 *C. R.* LIV, p. 60.

4) A expiação também é a purificação do pecado, que é uma poluição da alma humana aos olhos de Deus. O que Calvino quer dizer é que um homem é perdoado por Deus porque Cristo é o sacrifício pelo pecado. "Os antigos dispunham de certas cerimônias, de que necessitavam antes da vinda do nosso Senhor Jesus Cristo... Hoje, sabemos que devemos buscar nosso refúgio no precioso sangue do Filho de Deus, que foi derramado para nos purificar. Devemos recorrer ao sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, se quisermos ser recebidos como limpos diante de Deus."[23]

5) Por último, a morte de nosso Senhor é uma vitória. Os homens são escravizados em suas vontades pelo diabo e são incapazes de amar e de servir a Deus. Cristo ganha a vitória sobre o diabo, o pecado e a morte[24] quando morre na cruz e voluntariamente sofre a dor do corpo e da alma. "E assim a vitória foi ganha em meio ao conflito."[25]

Calvino não considera a morte e a paixão de Jesus Cristo de maneira isolada, mas em conexão com a sua vida, ressurreição e ascensão. Através da morte de Cristo, as forças negativas que escravizavam o homem e o separavam de Deus (isto é, o pecado, a morte e Satanás) foram conquistadas. Através da ressurreição de Cristo, o homem recebeu as bênçãos positivas de vida e retidão que Cristo conquistou para ele. A ressurreição foi a proclamação de Deus de que o homem crucificado entre os dois bandidos era o seu Filho amado. Através disso, Deus aplicou seu selo à obra que Cristo havia realizado e a declarou como sua própria obra. A ressurreição é, ainda, a promessa e a garantia da ressurreição de todos os crentes para a vida eterna. Sua ascensão aos céus significa que ele é todo-poderoso, e que, portanto, é o rei do mundo e o Senhor de sua igreja, e que intercede pelos homens ao Pai apresentando suas orações a ele.

A totalidade da salvação, e Calvino nunca se cansou de dizer isto, é obra de Deus e não do homem. Isto é verdade não apenas para a justificação, mas também para a santificação. Além dos quatro sermões sobre a Justificação, Calvino raramente usa a expressão "justificação pela fé". Não obstante, a ideia está na dianteira de seu pensamento. E o fato de não haver nenhuma diferença substancial entre a sua doutrina e a de Lutero pode ser observado em uma passagem como esta: "a palavra *justificar* não significa que nós somos feitos justos, isto é, que Deus nos renova de modo que nos tornamos anjos. Isso significa que ele nos aceita e nos aprova simplesmente por sua bondade

23 *C. R.* XXXIII, p. 45.

24 Estes três, que Calvino frequentemente menciona em conjunto, são, como diz o Dr. Aulén: "o trio familiar da igreja primitiva", e também parte integrante da doutrina da expiação de Lutero.

25 *C. R.* XLVI, p. 922.

enquanto somos pobres pecadores."[26] *Simul peccator, simul iustus*. A justificação, portanto, não é a experiência da alma, mas é a atitude de Deus para com os homens. Apesar de um homem estar poluído em si, Deus não contabiliza o seu pecado, mas olha para a retidão de Cristo e o aceita como limpo em nome de Cristo. Por isso, ele não deve buscar a Deus em sua própria pessoa pecaminosa, porque nesta condição Deus é um inimigo; mas deve vir na pessoa de Jesus Cristo. Em outras palavras, ele deve ser unido a Cristo pela fé; "pois não podemos usufruir daquelas bênçãos que nos foram dadas por Deus seu Pai, a não ser que sejamos enxertados em seu corpo pela fé, e ele é nossa cabeça, e por conseguinte, sua vida é nossa. Ele deve ser a nossa justiça, e devemos estar completamente assegurados de nossa salvação nele, apesar de encontrarmos apenas perdição em nós mesmos."[27] A justificação não pode ser merecida através da bondade ou das boas obras do homem, pois não há nada de bom, nem nele, nem proveniente dele. Mas ela é dada através da fé, que é "conhecimento e certeza" da misericórdia de Deus em Jesus Cristo, e firmeza e constância em Jesus Cristo e renúncia de qualquer outro caminho para justificação. A fé é buscar a cura para nossa condição miserável em Jesus Cristo, sabendo que ele foi entregue por nós. Não é o mero entendimento do evangelho que produz a bondade da vida, mas um conhecimento vivo enraizado no coração.[28] Mas apesar de Calvino falar sobre a fé como um encontro com Cristo, ou como a busca e conquista da salvação, ele sempre insiste que o homem é incapaz de acreditar, pois está escravizado pelo pecado. Ele pergunta: "Não é sabido que a fé transcende todos os sentidos humanos? Pois ela não é uma qualidade que o homem possui naturalmente, mas uma graça que Deus confere a ele para corrigir sua natureza."[29]

Deus dá a fé na vocação, isto é, quando ele chama os homens para si em arrependimento. Apesar de a vocação ser um estado avançado na eleição, ela deve ser considerada como algo ligado à reconciliação e não à predestinação. Existe uma vocação dupla, diz Calvino; Deus chama a todos os homens ao arrependimento e à fé através do evangelho (isto é, através da Bíblia e da pregação), mas nem todos respondem a esse chamado, na verdade a maioria dos homens, de modo intencional, negligencia a graça de Deus, "e propositalmente se recusam a receber essa salvação que é oferecida a eles".[30]

---

26 *C. R.* XXIII, p. 706.

27 *Ibidem*, XLVI, p. 258.

28 "Não podemos separar a vida santa da fé por meio da qual confiamos em nosso Senhor Jesus Cristo." (*C. R.* LIV, p. 533.) R. Seeberg aponta quão próximo Calvino estava de Lutero e Melanchthon em "estabelecer uma ligação concreta entre a justificação e a santificação", *op. cit.*, 4, 2, p. 600.

29 *C. R.* XLVIII, p. 617.

30 *Ibidem*, XXXV, p. 608.

E também existe a vocação dos indivíduos, aqueles que são eleitos por Deus, nos quais ele opera de forma secreta, fazendo-os experimentar o poder do seu Santo Espírito. Essa vocação especial (como ele a chama no *Institutio*, em contraste com a vocação universal) é a criação da fé na alma pelo Espírito Santo agindo através da Palavra. O que a nossa época moderna chama em seu subjetivismo de conversão, Calvino, mais fiel à mente das Escrituras, chama objetivamente de vocação. E quando um homem chamado por Deus crê, seus pecados são perdoados, ele é tido como justo perante Deus, e é feito um filho de Deus e membro da igreja. Isso normalmente ocorre no batismo, apesar de que nem todos que são batizados são cristãos, pois alguns corrompem seu batismo com sua vida pós-batismo. Mas quando existe uma harmonia de fé entre Deus e nós no batismo, nossos pecados são perdoados, pois no batismo Deus nos une a Cristo pelo Espírito Santo.

O propósito da salvação é a restauração da imagem de Deus, que o homem perdeu na Queda, e que foi recuperada para o homem em Cristo. Em uma passagem sublime Calvino diz que a salvação "é a questão da restauração da imagem de Deus em nós, e a radicação da semente incorruptível em nós que nos leva à glória celestial, que nos faz companheiros de anjos, que nos transforma até mesmo na glória e imortalidade de nosso Senhor Jesus Cristo e nos faz participantes de sua natureza divina".[31] Cristo é a verdadeira imagem de Deus, e é através de nossa união com ele que somos feitos em sua semelhança. É impossível reformarmos a nós mesmos, mas somos restaurados à imagem de Deus pela reconciliação da cruz e pelo Espírito Santo em santificação. Quando somos reconciliados a Deus, ele nos faz nova criatura imprimindo sua imagem em nós. Existe, todavia, muita perversidade até mesmo nos crentes, e eles não são transformados à imagem de Deus instantaneamente, mas progressivamente, de glória em glória – não porque Deus é incapaz de cumprir seu trabalho de uma só vez, mas porque ele não deseja fazê-lo. Essa purificação é o trabalho interno do Espírito Santo, que muda a vontade e a paixão do crente, libertando-o do pecado, dando a ele vitória sobre suas tentações e inspirando-o a boas obras. Portanto, para Calvino, a santificação é o trabalho de Deus somente, como todas as outras partes da salvação, mesmo que o esforço do homem não seja irrelevante.

O HOMEM E DEUS

Calvino ensina que o relacionamento essencial entre homem e Deus é de reverência. Ao dizer isso ele está negando duas ideias falsas e afirmando

31 *Ibidem*, XLVIII, p. 626.

duas verdades. Está negando que o homem tem um conhecimento direto de Deus ou acesso imediato a ele, mas também que Deus não tem nada a ver com o homem e seus afazeres. Ele afirma, frequentemente e tão vigorosamente quanto pode, que tanto o homem deve amar a Deus de todo seu ser, quanto que há uma distância enorme entre Deus e o homem. Por um lado ele pode falar de amor em sintonia com Bernardo de Claraval, e por outro pode pregar de tal modo que teria aprovado as famosas palavras de Kierkegaard: "A distinção qualitativa infinita entre Deus e o homem". Essa visão dúplice do relacionamento do homem com Deus é contida na ideia de amor reverencial que permeia toda pregação de Calvino.

O homem nunca deve esquecer-se da distância que o separa de Deus, e qualquer tentativa de diminuir essa distinção é um roubo da glória de Deus. Isso é em parte uma ideia metafísica e em parte uma ideia religiosa. Deus é incompreensível à mente humana, e qualquer tentativa de entendê-lo ou até de buscá-lo joga o homem em um labirinto terrível. E outra vez, ele é o Senhor soberano que em cuja presença o homem não ousa entrar a fim de não ser consumido pela sua majestade. Mas a ênfase maior é dada à distinção religiosa entre Deus e o homem. Deus é inteiramente santo e justo, a antítese exata do homem, que é um pecador desprezível, miserável e rebelde. Por essa razão ele não pode vir a Deus, não porque não o deseja (pois ele está sempre tentando ignorar ou destruir essa distinção de forma ilícita), mas porque o próprio Deus mantém essa distância do homem. A reconciliação cria a ponte para que o homem possa entrar na presença de Deus em comunhão e oração; ele não está mais barrado da presença de Deus por sua consciência maligna. Porém, a distinção metafísica não está dissolvida de modo que o homem possa tratar com Deus como se trata com um familiar. Jesus Cristo é o Mediador que aboliu a separação entre Deus e o homem, e se uma pessoa quiser conhecer a Deus ou vir a ele, deve buscá-lo em Jesus Cristo. Uma vez que Deus é incompreensível, Jesus Cristo precisa mostrar e interpretar a sua natureza e vontade. Uma vez que Deus é o Senhor Soberano, cujos trovões afugentariam os homens caso ele se revelasse de forma visível, Cristo é o Mediador que gentil e amavelmente nos atrai a ele. Não precisamos percorrer grandes distâncias para encontrar Deus, porque ele já veio até nós e está muito próximo de nós em Jesus Cristo. E acima de tudo, uma vez que Deus é santo, nosso Senhor veio para destruir o pecado, para que possamos ir até Deus sem medo. Portanto, quando pensarmos em Deus, não devemos permitir que nossa imaginação divague em especulações sobre sua essência e natureza, mas devemos pensar em Jesus Cristo: "Quem é o Deus de quem Paulo fala? É o Filho da Virgem Maria, que possui vida em si mesmo, mas que se sujeitou à morte. Quem é aquele que tem todo o poder? É aquele que

foi feito frágil e fraco. Aquele que carregou o castigo por nossos pecados é a fonte da vida."[32]

Em Jesus Cristo nós não devemos temer a Deus do mesmo modo que os ímpios – com razão – o temem, pois ele não é mais um objeto de terror para nós uma vez que se declarou nosso Pai. Mas como temos visto, Calvino não tem uma visão simplória e sentimental do amor de Deus. O caminho até seu amor é através de sua ira, e nós nunca vamos conhecer a Deus como nosso Pai sem que primeiro conheçamos a ele como nosso Juiz. Ele se revela como nosso juiz através da lei, que é um espelho que mostra nossas falhas e nos impele a correr a Deus por misericórdia e perdão. Da maldição do Sinai nós buscamos refúgio na graça do Gólgota. Assim, antes de chegar a Cristo precisamos estar convencidos e esmagados por nossa pecaminosidade, pois não iremos sentir a necessidade de vir a Cristo sem antes nos desesperarmos de nós mesmos. O arrependimento significa que devemos condenar, odiar e buscar vingança de nós mesmos.

> Pois não seremos comovidos e inflamados a louvar ao nosso Deus sem antes examinarmos nossa condição e sermos (por assim dizer) engolidos pelo inferno, sabendo o que significa provocar a ira de Deus e tê-lo como nosso inimigo mortal, um juiz tão terrível e aterrador que seria muito melhor que os céus e a terra e toda criatura se voltassem contra nós do que chegar perto de sua majestade quando essa está contra nós. Portanto, é muito necessário que os pecadores se angustiem e se preocupem com suas falhas, e que saibam que são mais que desprezíveis, e que fiquem horrorizados com a sua condição, para perceber quanto estão obrigados a Deus, que tem piedade deles, que os enxerga em seu desespero e que deseja socorrê-los, sem encontrar neles nenhum merecimento, e contemplando apenas suas misérias.[33]

Esse tipo de temor a Deus é saudável e não deve ser abafado, mas deve impelir o pecador a confessar seus pecados a Deus e buscar o perdão em Jesus Cristo, que foi crucificado por ele. Essa experiência é a contrapartida, e na verdade o resultado da vocação.

---

32 *C. R.* LIII, p. 326. Cf. o dizer muito parecido de Lutero: "Eu, Dr. Lutero, não quero saber de qualquer outro Deus senão daquele que pendeu na cruz, a saber, Jesus Cristo, o Filho de Deus e da Virgem Maria".

33 *C. R.* XLVI, p. 833-834.

Quando um homem experimenta a graça de Deus dessa forma, ele é liberto das forças que o escravizavam, e pode então chamar Deus de Pai. É nesse relacionamento de uma criança com seu Pai que está a sua completa alegria e perfeita glória, e é a partir disso que o amor que antes era apenas direcionado para dentro flui para Deus. A maior injustiça contra Calvino é a interpretação errônea de que para ele a atitude do cristão em relação a Deus era uma atitude que ele chamava de "temor escravo". Essa acusação é insustentável diante de palavras tão fervorosas quanto "não seríamos insípidos e inertes como uma pedra se, depois de vermos tudo isso, não formos arrebatados com uma paixão ardente para adorar nosso Deus, e jurar e dedicar tudo a ele?"[34] Ou palavras como: "Precisamos ser inflamados do amor de Deus".[35] De fato, ele nos fala que "o mais importante em nossa vida é amarmos a Deus".[36] É óbvio que estas palavras não podem ser entendidas como um pietismo sentimental ou um emocionalismo místico. Nenhum homem era, por natureza, menos sentimental ou mais racional do que Calvino. Para ele, o amor a Deus é uma atitude firme do coração para com Deus, que é gracioso a nós em Jesus Cristo, que resulta numa vida inteira a serviço e para a glória de Deus. E isto é, ademais, um amor para com o Pai: "o amor a Deus não pode ser sem reverência. Nós não o amamos como um inferior ou como nosso igual ou nosso colega, e sim como nosso Pai."[37]

A graça de Deus é a fonte dos deveres do crente para com Deus. Puramente por sua bondade, Deus mostrou misericórdia para com os homens ao dar Jesus Cristo para morrer por eles. Portanto, o cristão deve se doar, em uma atitude de gratidão e louvor, ao serviço, amor e glória de Deus. Isso não diz respeito à sua boa vontade, mas ao seu dever.[38] O crente deve amar e servir a Deus, e se não o fizer, ele é indesculpável – na verdade, provavelmente isto é um sinal de que ele nem crente é. A primeira necessidade é que a vida inteira seja dedicada a Deus: "Deus me deu a vida. Eu devo renunciá-la em suas mãos. E depois ele deseja que eu me dedique, vivendo e morrendo a seu serviço. E se o seu nome for glorificado por minha morte, que assim seja, e eu me submeto a isso."[39] Contudo, isso não é nenhuma tarefa simples, pois a natureza do homem se levanta contra a obediência a Deus e deseja gratificar a si mesma em vez de Deus. Mas como fomos criados em sua imagem, redimidos pela morte de seu Filho e feitos seus filhos, devemos

34 *C. R.* XXVI, p. 255.
35 *C. R.* XLVIII, p. 628.
36 *Ibidem*, XXIII, p. 774.
37 *Ibidem*, XXIII, p. 775.
38 "Para Calvino, a religião vem sob o conceito de dever e de obediência." (*Ges. Aufs.* III, p. 263.)
39 *C. R.* XXIII, p. 774.

continuamente praticar a sujeição, lutando contra nossa natureza teimosa e nos forçando à obediência a Deus: "cada um de nós deve se forçar e coagir sua natureza e a todos os seus sentidos e apetites".[40] A não ser que sejamos dedicados a Deus por inteiro, não vamos glorificá-lo com nossa vida, que falhará no seu propósito uma vez que Deus nos colocou neste mundo para glorificá-lo. O principal objetivo de nossa vida deve ser "glorificar a Deus enquanto ainda estamos neste mundo".[41] Isto significa que devemos louvá-lo com o coração, com palavras, com ações em todas as circunstâncias da vida. Em tudo ele é digno de ser adorado – como Criador, em sua providência e como Redentor. Nós glorificamos a Deus não quando inventamos formas de agradá-lo, mas quando obedecemos a sua Palavra. Deus falou nas Escrituras, chamando os homens ao arrependimento e à fé, e colocando diante deles o caminho da vida. Não deve haver nenhum argumento contra Deus (isto é, contra as Escrituras e contra a pregação), uma obediência humilde e disposta é devida a tudo que é ensinado e ordenado na Palavra. Sua doutrina deve ser aceita e a vida deve ser regida por seus comandos. Nessa obediência, Deus é glorificado muito mais do que em peregrinações e devoções. Porém a obediência pressupõe humildade, a mãe de todas as virtudes, do mesmo modo que o orgulho é a fonte de todo pecado e mais desagradável a Deus do que qualquer vício. A não ser que nos humilhemos, reconhecendo que não existe nenhum bem dentro de nós, apenas maldade, nenhuma sabedoria para entender Deus e a nós mesmos, e nenhuma capacidade de levar uma vida agradável a Deus, nunca entenderemos a razão de nos submeter para sermos ensinados e guiados por Deus. Se estivermos inflados com orgulho, Deus é desonrado e não poderemos alcançar a salvação. Portanto, devemos lutar para nos submeter a Deus sempre, sabendo que ele, por sua vez, sempre tratará conosco de modo amável, como um Pai, e para nosso bem.

Mas não somos chamados para sermos filhos de Deus apenas para nosso próprio benefício, e certamente não para ter uma vida fácil. Somos chamados e separados do mundo e de nosso pecado para servir a Deus. Ele não precisa nem de nós e nem de nossa ajuda, mas ele nos honra ao usar de sua livre bondade, e em seu maravilhoso amor ele até nos promete recompensas. É dever de todo crente servir a Deus, e sua misericórdia e graça devem nos instigar a isso. A visão de Calvino sobre em quê consistia o serviço a Deus foi um afastamento decisivo da visão católico-romana. Como Milton, ele não podia "louvar uma virtude fugitiva e enclausurada, que não se exercita e não se vocaliza, que nunca se aventura ao encontro de seu adversário,

40 *Ibidem*, XXVI, p. 377.
41 *Ibidem*, XXXV, p. 396.

mas que se retira de maneira furtiva daquela corrida na qual se corre para alcançar a coroa imortal, mas não sem poeira e sem suor". O reformador denunciava a distinção falsa entre o secular e o espiritual, e declarou que a vida secular era espiritual se vivida em obediência a Deus. Portanto, para ele, o serviço a Deus consistia em oração (que é o serviço principal), uma vida pura e reta, e serviço aos outros homens. E então ele diz mais de uma vez que o serviço que Deus requer é que sejamos completamente seus, que glorifiquemos a ele no bem e no mal, que sigamos cada um em nosso próprio chamado e que não haja orgulho, vanglória e nem inveja dentro de nós. E em outro texto ele diz que o serviço a Deus é, que tendo colocado nossa confiança nele, clamamos por ele, nos dedicamos a ele, e vivemos de modo honesto. Ele nos deixou uma bela imagem do caráter do servo de Deus. Ele é

> um homem que trabalha honestamente para ganhar seu sustento, e mesmo que não tenha pão o suficiente, não para de clamar a Deus pela manhã e louvá-lo à noite. Se ele tem filhos, vai deixar de lado tudo que tem para alimentá-los e vesti-los. Se Deus enviar aflições à sua casa, ele vai tolerar pacientemente. Se for algum tipo de artesão, ou seja lá qual for sua ocupação, ele vai se abster de trapacear seus vizinhos, e prefere morrer do que fazer qualquer tipo de mal.[42]

Assim Calvino santificou todo trabalho honesto e tornou possível para o homem comum glorificar a Deus servindo-o em seus afazeres diários.

O HOMEM E SEU SEMELHANTE

Karl Holl disse que o que Calvino buscava em Genebra era a "penetração do espírito religioso em toda vida nacional".[43] Quando nos voltamos ao relacionamento do homem com o homem descobrimos que Calvino, aplicando essa doutrina à realidade cotidiana das pessoas, as ensinava a expressar em todas as áreas da vida a graça de Deus, que lhes havia sido demonstrada em Jesus Cristo. Era impossível – ele declarou – para um homem que tinha o conhecimento da misericórdia de Deus agir como um ímpio. O evangelho deve produzir frutos na vida dele: benevolência, amabilidade e retidão. Além disso, essa ordem deve ser preservada: primeiro, o relacionamento correto com Deus; e depois, partindo disso, o relacionamento correto com

42 *C. R.* LI, p. 43.
43 *Ges. Aufs.* III, p. 278.

e esposas, pais e filhos, senhores e servos, governantes e súditos, velhos e jovens".[46] A estrutura da sociedade é determinada por Deus, e é uma incrível bênção, tanto por criar a oportunidade para todos servirem a Deus, quanto por servir de baluarte contra a anarquia. É difícil apreciar ou até mesmo entender a mente de Calvino nessa questão. Para o homem do século 21, acostumado com greves frequentes e com a destruição parcial do princípio da autoridade, o reformador soa como um ultraconservador, preocupado apenas em manter o *status quo*, quando ele diz, por exemplo, que as esposas devem suportar pacientemente – sabendo que assim agradam a Deus – quaisquer maus-tratos – mesmo físicos – que os seus maridos possam lhes impor. Ou, novamente, quando diz: "Se um homem for exaltado sobre nós, que é perverso, ou um malfeitor, ou possuir vícios notórios, de modo que encontremos boas razões para ele não ser digno do ofício" – e mesmo, como ele diz em outro texto, que o governo seja corrupto ou tirânico – "ainda assim, não obstante, devemos reverenciar a ordenança de Deus e estimá-lo como sendo digno de toda honra, uma vez que Deus assim o honrou".[47] As palavras de G. P. Fisher até parecem um eufemismo: "A deferência de Calvino à autoridade que considerava legítima, era profunda".[48] Se essa é uma vertente do seu pensamento que fez com que o calvinismo fosse associado ao capitalismo, também pode se encontrar nele uma tendência oposta que permitiu a luta pela liberdade religiosa na França, na Holanda e na Escócia, e que tem o seu monumento até hoje na Declaração do Sínodo de Barmen. Essa tendência diz que quando aqueles em autoridade nos levam a desobedecer a Deus, eles devem ser desobedecidos. A sua autoridade provém de Deus e, portanto, quando eles se rebelam contra Deus, sua autoridade sobre nós é anulada. A diferença entra a visão moderna e a de Calvino é que ele colocava toda a vida dentro da esfera da vontade divina, e assim, fez o relacionamento do homem com Deus, e a glória de Deus, o motivo e o propósito da rebelião. A visão moderna faz da vida humana uma esfera autônoma em si mesma e, por isso, considera o bem-estar humano como o motivo e propósito da rebelião. Quando estes dois lados do pensamento de Calvino são combinados (como frequentemente são em seus escritos) eles produzem um ideal social e político sublime que ele chegou perto de efetuar em Genebra, mas que provavelmente seria impossível de realizar hoje em dia.

Por outro lado, Calvino entendia que a rebelião contra a autoridade deve ser desnecessária, e seria desnecessária se ambos os lados cumprissem seus

46 *C. R.* LIV, p. 499.
47 *C. R.* LIII, p. 549.
48 *History of Christian Doctrine*, p. 304.

deveres um para com o outro. A vida deve andar suavemente e sem distúrbios e cada homem deve buscar o bem-estar do próximo em vez do próprio. "Mas visto que Deus nos colocou juntos em uma sociedade e vida comum, cada um de nós deve entender que ele não nasceu para si mesmo e que ele não vive neste mundo para o seu próprio proveito, mas para servir e ajudar o seu próximo."[49] Assim, os governantes devem ser os oficiais de Deus, buscando servir e honrar a Deus, governando o povo de maneira justa, visando o seu bem. O povo deve se submeter aos governantes e obedecê-los de boa vontade como Deus ordenou. Pais devem governar seus filhos com uma combinação de disciplina e bondade, sem afrouxar a disciplina para que os filhos não se tornem obstinados e selvagens, porém sempre usando da bondade para não desencorajar ou endurecê-los. Filhos devem honrar e obedecer a seus pais, pois eles são assim ensinados até pela natureza, e quando honram aos pais eles honram a Deus. O casamento é ordenado por Deus, e não deve ser quebrado, nem dissolvido senão por causa de adultério. A esposa deve se sujeitar ao marido, que é sua cabeça, porque, ao se sujeitar, ela está demonstrando sua obediência a Deus; e se as esposas voltarem-se contra o marido é como se rejeitassem a Deus. O marido também tem o seu dever; ele deve considerar sua autoridade mais como um suporte do que como um governo e, portanto, deve ser bondoso com sua esposa e não lhe dar nenhum motivo de queixa. Assim, o casamento é o serviço a Deus, e não é instituído para servir à lascívia, mas é uma oportunidade para o casal se dedicar ao serviço a Deus. Ele exprime esse pensamento belamente quando diz: "Deus reina em uma pequena casa, mesmo que haja muita pobreza, quando o marido e sua esposa se dedicam a seus deveres. Existe aqui uma santidade maior e mais próxima do reino de Deus do que existe em um convento."[50] O dever dos senhores é ser humilde e não arrogante; eles devem ser gentis e sábios; não devem fazer seus empregados trabalharem excessivamente e por salários insuficientes, senão Deus é afrontado e sua imagem (o trabalhador) é desprezada. Pelo contrário, eles devem lembrar que não são soberanos, e que têm, em Deus, um mestre que irá julgar suas ações. O dever dos servos é serem obedientes, reverentes, e cumprirem suas tarefas com o máximo de suas habilidades. Calvino não tinha paciência com o que chamava de "igualdade confundida", isto é, que todo homem é tão "bom" quanto o outro. Cada um deve cumprir o chamado no qual Deus o colocou e lembrar que apesar de ninguém querer estar sujeito a ninguém, ainda assim, aquele que serve os homens também serve a Deus. O ideal que Calvino

49 C. *R.* LIV, p. 440.
50 C. *R.* LIII, p. 492.

colocou para os trabalhadores era o de trabalhar "para Deus" e servir como se estivesse servindo a ele. Assim, qualquer que seja o trabalho, desde que seja honesto, seja esse mal recompensado e recebido de forma ingrata, ou seja bem recompensado, o servo estará contente sabendo que Deus estará contente com a sua obediência. Para Calvino, "O trabalho honesto carrega um semblante encantador".

A PEREGRINAÇÃO

Talvez o maior elemento no evangelho de Calvino seja a escatologia, que permeia toda a sua pregação. Martin Schulze, em seu importante livro *Meditatio futurae vitae* (1901), a descreve como "um conceito básico no pensamento calvinista" e declara que ela "determina toda a sua interpretação do cristianismo". Embora possamos duvidar desta última afirmação, temos de concordar que a escatologia ocupa uma posição de maior importância no seu evangelho. Ele ensina uma escatologia não realizada; isto é, o triunfo final de Cristo e de sua igreja ainda não aconteceu e está no futuro. Portanto, a vida do homem cristão neste mundo não é uma vida de perfeição, descanso e vitória, mas consiste em esperança, batalhas e necessidade. Sua dificuldade é acrescida pelo fato de estar lutando não apenas contra o pecado no mundo, mas também contra a sua própria natureza, e pelo fato de que o mal no mundo e o diabo estão lutando contra ele. A miséria e a angústia do mundo marcaram profundamente a mente de Calvino, e sem fazer nenhum esforço para evitá-las ou minimizá-las, ele buscou explanar o percurso da vida cristã através do ambiente hostil e a esperança que era prometida ao crente. A peregrinação cristã é uma vida sob a cruz.

Calvino gostava de descrever a vida do crente como uma peregrinação. Chamado por Deus à vida eterna, e tendo a esperança, mas não a substância, ele deve se empenhar em direção à sua salvação, se esforçando para chegar à sua herança celestial. Essa peregrinação não é coisa simples, mas uma luta, uma perseverança e uma renúncia, pois parece que tudo conspira contra ele. Ele vive em um mundo cuja maldade torna difícil a vida cristã. Se Deus quisesse, ele poderia remover os crentes do mundo e colocá-los em um lugar a sós, porém ele os mantém no mundo para estabelecer e provar sua fé. Contudo, o cristão não apenas tem de enfrentar inimigos externos, como também tem de lutar contra sua própria natureza, que é mais do que preguiçosa e não deseja o reino que Deus prometeu. Estamos envolvidos demais com paixões terrenas e ansiosos demais a respeito de coisas terrenas a ponto de ignorar completamente as celestiais. É certo que todos nós fingimos seguir a Deus; mas quando é hora, somos rebeldes contra sua

vontade. Em suma, "não há ninguém que não deseje apenas seu próprio bem-estar, e esta é nossa inclinação natural".[51] Porém, acima de tudo, o cristão vai encontrar muitas aflições no mundo, tanto físicas quanto espirituais. Calvino recusava a explicação natural de que os acontecimentos são acidentais, ou de que Deus apenas permitia as adversidades. Tudo que acontece no mundo é vontade direta de Deus. Porém, ele não é caprichoso ou cruel no modo como trata os homens, mas deseja trazê-los à salvação expurgando suas falhas e destruindo suas amarras com o mundo. Quando crentes sofrem tribulações, eles não devem pensar que isso é necessariamente um sinal da insatisfação de Deus para com eles, nem devem perder a esperança, ou duvidar de que Deus é seu Pai. Pois ele nunca permite mais adversidades do que podem suportar e sempre vai sustentá-los nas tribulações, uma vez que o seu propósito não é esmagá-los, mas reformar a vida deles e fazê-los ansiosos pelo descanso que Deus prometeu. O primeiro efeito das aflições deve ser o de fazer os cristãos examinarem a própria vida e descobrir se foram desobedientes a Deus; se descobrirem que sim, devem concluir que suas aflições são um aviso dele para o arrependimento e para deixar o pecado, e em humildade devem confessar a Deus e clamar a ele por perdão. Aflições também devem nos ensinar a sermos pacientes e clamar a Deus. Enquanto estivermos neste mundo devemos suportar misérias. Portanto, devemos ser pacientes e fixar nossas mentes em nossa herança celestial, correndo até Deus em todas as tribulações e confiando em seu amor paternal. Para entrar em seu reino, demos atravessar as aflições.

A vida cristã está escondida neste mundo, e o crente ainda não possui as bênçãos prometidas no evangelho. Ele não pode esperar viver os céus na terra, ou colher o fruto da vitória, ou ter descanso. Aqui ele vive em necessidade, imperfeição e dificuldades, e externamente não há diferença entre crentes e incrédulos. Porém, a vida que é prometida é real, não uma sombra. E está dentro do cristão do mesmo modo que uma árvore no inverno contém vida, escondida, mas esperando para desabrochar no cumprimento do tempo. "Nossa vida está em outro lugar", diz Calvino, "agora está escondida, mas nos será revelada na vinda do Redentor".[52]

Por isso, a peregrinação é uma vida de esperança. A salvação já está perfeita porque Cristo cumpriu tudo que era necessário para nos reconciliar com Deus, mas aqui nós só a possuímos em esperança, pois Deus não nos recompensa neste mundo, mas nos promete uma herança nos céus. Isso não significa que a salvação é duvidosa, ou que os cristãos não têm a certeza do

51 C. R. L, p. 287.
52 C. R. XLVI, p. 82.

perdão dos pecados. Mas a segurança da salvação não se baseia em nada terreno ou humano, apenas na graça que Deus demonstrou em Jesus Cristo. O crente tem certeza de que seus pecados são perdoados, mas não porque ele vê alguma razão em si mesmo ou em suas ações para isso, mas porque Jesus Cristo morreu e ressuscitou. "É uma segurança suficiente de nossa salvação quando sabemos que Jesus Cristo veio para redimir os homens. Quando nossa fé se baseia nessa simplicidade será forte o suficiente para resistir a todas as investidas do inferno, todos os ataques de Satanás."[53] Mas nossa segurança em Cristo não pode significar que agora podemos dormir. Pelo contrário, devemos labutar para nos manter longe do pecado através da disciplina e da oração, sabendo que "a fé nunca vem sem luta".[54] Esperança não é uma hipótese vaga de imortalidade, mas uma segurança, dada e cultivada pelo Espírito Santo, sobre a fidelidade da promessa de Deus em Jesus Cristo. Em seu vigésimo sermão em Jó, Calvino nos mostra a fraqueza e a majestade da fé:

> E é expressamente dito: "A esperança para daqui em diante". E por quê? Porque nós devemos ter esperança contra a própria esperança. Isto é, se queremos mostrar que confiamos em Deus com seriedade, não deve haver nenhuma esperança em relação ao mundo para confiarmos, mas a morte deve nos cercar por todos os lados e a escuridão deve nos cobrir de tal modo que nenhuma centelha de vida permanece para nos confortar. Para resumir, não nos deve sobrar nada além da promessa de Deus, "Eu serei o seu Salvador", quando, não obstante, ele parece virar as costas para nós e nos abandonar, e sim, até quando parece favorecer os nossos inimigos, lhes dando a clava para nos golpear, e ele parece estar inteiramente contra nós. Eu digo, quando tudo isso acontecer, devemos confiar em Deus continuamente. É como se Elifaz dissesse: "Quando os filhos de Deus chegarem ao fim de suas forças, de modo que não sabem mais para onde ir, e não há para onde escapar, ainda assim não devem deixar de esperar que Deus se mostrará como seu Pai e Salvador e que ele não falhará, desde que confiem na promessa de que haverá esperança para daqui em diante para os oprimidos; e não devem deixar de

53 *C. R.* XLVI, p. 253.

54 *C. R.* LIII, p. 595. Cf. HOOKER, Richard: "Sua oração não deve excluir nossa labuta" (Sermão I, *Works*, org. Keble 1845, vol. III, p. 480.)

> esperar pela vida que foi preparada para eles, mesmo que vejam a morte diante de seus olhos."[55]

Se um homem deseja chegar ao reino, ele não deve desanimar pelo obstáculo e impedimento que depara, mas deve se colocar em um espírito de persistência incansável para perseverar até o fim. Apenas começar bem não é o suficiente; ele deve se manter alerta e firme até o final. Porém, é impossível para os crentes persistirem por suas próprias forças, pois são muito maiores do que eles todos os poderes que contra eles conspiram. Deus deve mantê-los para que sejam salvos, e isto ele prometeu fazer. E também é impossível que os cristãos se percam, pois Deus, que é o protetor deles, é invencível. "Que segurança nós temos para o amanhã e para toda nossa vida, e até para depois de nossa morte, senão que Deus nos chamou para si e que por isso ele vai terminar a obra que começou."[56] Mas os crentes não devem achar que só porque Deus não vai permitir que se percam, então, podem relaxar seus esforços para alcançar a salvação e que estão livres de luta. Por mais que Calvino defenda o *sola gratia* tão enfaticamente quanto toda pessoa, ele não abre espaço para nenhum quietismo.

> Devemos nos esforçar, sabendo que apesar de não fazermos nada, ainda assim Deus sempre age através de nós de modo que para ele não somos apenas blocos de madeira, e que ele deseja que nossa fé seja exercitada e que sejamos bons homens de guerra para servi-lo na luta, e para que as dificuldades que encontramos não nos impeçam de seguir nosso caminho e de resistir a todas as emboscadas e investidas que nos assolam.[57]

Portanto, devemos batalhar contra todas as tentações através das quais o diabo tenta nos capturar e destruir, e devemos dominar nossos pensamentos e paixões para que Deus reine em nós. Mas essa luta nunca deve nos levar ao orgulho, pois devemos lembrar que nela é sempre Deus quem nos encoraja; e assim devemos a ele toda a glória também por isso.

Até aqui, temos tratado do cristão em sua individualidade, mas como o Dr. Whale explicou: "O pensamento de Calvino é inteiramente coletivista. A sua ênfase não recai tanto no indivíduo quanto no conjunto dos predestinados, o povo santo de Deus que é a igreja; e seu princípio arquitetônico

55 C. *R.* XXXIII, p. 256-257.
56 C. *R.* LIII, p. 153.
57 C. *R.* LI, p. 825.

é o da Alta Igreja."[58] É através da igreja, por meio da Palavra pregada e do batismo, que os homens são feitos filhos de Deus. É através da comunhão da igreja centrada na Santa Ceia que os homens perseveram em direção à sua salvação. Orar e louvar a Deus em particular, apesar de necessário, não é suficiente; os homens devem louvá-lo na comunhão da igreja, somente através da qual podem ser salvos. A igreja é construída sobre a Palavra dos Profetas e dos Apóstolos, e Cristo é a pedra angular, que sustenta todo o edifício. Como a igreja é uma instituição divina, Deus não aceita qualquer louvor oferecido a ele, como o louvor papista, que ele mesmo não tenha estabelecido. O domingo tem de ser reservado, não como um dia de ócio, mas para ouvir a Palavra de Deus, oração em conjunto, recebimento dos sacramentos, e fazendo confissão da fé. Depois de usar o domingo para louvar e exaltar a Deus, o povo deve demonstrar durante a semana que tirou proveito disso. "Portanto, o domingo deve servir como uma torre que escalamos para contemplar a obra de Deus quando não estamos impedidos nem ocupados com qualquer outra coisa."[59]

O rito principal na igreja é a Palavra e os sacramentos. Esses não são dois atos de louvor que podem ser separados, mas estão tão intimamente ligados que formam um único rito. Nós discursamos extensivamente sobre a Palavra no capítulo três, então não há nada mais a acrescentar aqui. Os sacramentos são uma garantia à nossa fraca fé da verdade e da fidelidade da promessa que é pregada, e que de outro modo nós não compreenderíamos corretamente. Eles são sinais que nos apontam ao trabalho de Deus em Jesus Cristo: "pelos sacramentos somos direcionados a Jesus Cristo".[60] Mas a garantia e a promessa, o sinal e a pessoa sinalizada não podem ser separados como se não houvesse nenhuma graça ou presença especial nos sacramentos (no racionalismo zuingliano). Na visão de Calvino, é tão equivocado colocar toda a ênfase na graça em detrimento dos sacramentos, quanto vice-versa. Não devemos parar nos sacramentos, devemos ir para onde eles nos levam. Mas devemos começar nos sacramentos e não devemos buscar nenhum atalho, por mais "espiritual" que seja, que Deus não tenha autorizado. Os sacramentos são assim um veículo da graça. No batismo, Deus nos une a Cristo pelo Espírito Santo, para que tenhamos o perdão dos pecados. Na Santa Ceia, nosso Senhor se apresenta a nós para que nossa fé seja fortificada "a fim de continuarmos avançando mais e mais em direção à vida celestial, e para que nos afastemos das amarras de Satanás, do pecado e da morte".[61]

58 *Calvin* em *Christian Worship*, Org. N. Micklem, p. 157.
59 *C. R.* XXVI, p. 293.
60 *C. R.* XLIX, p. 587.
61 *C. R.* XLVI, p. 258-259.

Porém, até mesmo a igreja não é um lugar de descanso para o peregrino, pois seus olhos devem estar fixados na sua herança celestial, contemplando a vitória e o descanso que foi prometido, mas que ele ainda não experimenta. Ele deve se portar como um estrangeiro neste mundo – nas palavras da *Carta a Diogneto*: "Sua existência é na terra, mas sua cidadania é nos céus" – e habitar em espírito com Cristo que ascendeu a seu Pai junto com a salvação que conquistou para nós. Aqui está a adversidade, combates, esperança, necessidade e a cruz. Ali a perfeição é revelada, o descanso é dado e "este cativeiro amaldiçoado" é extinto e a vida eterna é cumprida na gloriosa vitória de Cristo e de sua igreja.

repugnar com nós mesmos."[20] Mas, por outro lado, acreditamos em nossa própria bondade até sermos convencidos do contrário, e essa convicção só vem quando vemos a Deus (isto é, em Cristo, como ele explica mais adiante). E então ele conclui que "devemos inferir que o homem nunca estará suficientemente abatido pelo conhecimento de sua própria malevolência, até que ele se compare com a Majestade Divina".[21] Portanto, o ponto de partida de nossa pregação não são as necessidades das pessoas, nem sua pecaminosidade, mas a graça de Deus em Jesus Cristo. E esse evangelho criará nos ouvintes (de acordo com a vontade de Deus) seu próprio "ponto de contato" isto é, arrependimento e fé.

Todavia, não parece ser muito prático e tampouco apropriado, se domingo após domingo não pregarmos nada além da simples notícia de que "Deus visitou e redimiu seu povo". Essa objeção é parcialmente válida, pois é necessário que nossa pregação inclua ensinamento e exortação. Mas a objeção é apenas parcialmente válida, pois o ensinamento e a exortação se baseiam nesse evangelho de graça e fé. O evangelho é a fundação sobre a qual devem ser construídas a instrução na doutrina, a ética cristã e a vida cristã de arrependimento, fé e oração. Além do mais, eles não deixam de ser a Palavra de Deus por não serem *kerygma*. As Cartas não são menos Palavra de Deus que os sermões apostólicos. Pois seja qual for o assunto do sermão, nunca podemos deixar as pessoas esquecerem que falamos como embaixadores de Cristo, e que nossa exortação à bondade ou boas obras vem do próprio Deus. E por nossa parte, não podemos deixar que nosso ensinamento se transforme em uma palestra, endereçada apenas ao intelecto de nossos ouvintes. Nossos ensinamentos, em qualquer assunto, devem ser endereçados à sua vontade e consciência, para que nosso sermão chegue ao indivíduo com a força das palavras de Natã: "Tu és este homem!"

A pregação, portanto, seja essa a proclamação do evangelho ao mundo ou a instrução dos crentes na fé, sempre será a proclamação pelo arauto: "Assim diz o Senhor". Mais do que qualquer coisa, nós, pregadores modernos, precisamos, como oráculos de Deus, prefixar – e saber prefixar – nossos sermões com aquelas palavras que são tanto uma declaração de autoridade quanto uma súplica, para que Deus nos dê sua santa Palavra: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém."

20 *Inst.* 1, 1, 1.
21 *Inst.* 1, 1, 3.

Apêndice 1

EXEMPLO DE SERMÃO POR CALVINO EM LUCAS 2.9-14[1]

Invoquemos o nosso bom Deus e Pai, suplicando que lhe apraza desviar sua face de nossas muitas falhas e ofensas, através das quais não cessamos de provocar sua ira contra nós; e visto que somos por demais indignos de aparecer ante sua majestade, que lhe apraza nos enxergar através da pessoa de seu tão amado Filho, o nosso Senhor Jesus Cristo, aceitando o mérito de sua morte e paixão como recompensa por todas as nossas falhas, de modo que possamos ser agradáveis a ele; que lhe apraza nos iluminar através do seu Espírito no verdadeiro entendimento da sua Palavra, e que nos dê graça para recebê-la em temor e humildade, para que assim sejamos ensinados a depositar nossa confiança nele, a servir e honrá-lo, de modo a glorificar seu santo nome em toda nossa vida, retribuindo o amor e obediência que servos fiéis devem a seus mestres e filhos a seus pais, uma vez que lhe aprouve numerar-nos junto a seus servos e filhos. E oremos como nosso bom Mestre nos ensinou, dizendo: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Amém."

Já havíamos declarado que nos será pouco proveitoso o Filho de Deus ter nascido a este mundo, a não ser que saibamos por que ele foi enviado a nós e quais bênçãos ele nos trouxe. E isso não pode ser compreendido senão pelo testemunho do evangelho. Então ainda mais devemos atentar ao que nos foi dito aqui: como os anjos declararam que incomparáveis e inestimáveis

[1] Este é o vigésimo quarto sermão em uma série sobre a harmonia dos evangelhos. Pode ser encontrado em *C. R.* XLVI, p. 285-298.

bênçãos devem ser esperadas na vinda do Filho de Deus. Ora, essa mensagem não foi dada apenas para um dia, nem apenas para um pequeno grupo de homens; mas deve servir para todos os tempos até o fim do mundo; sim, e nos deve servir a todos, desde o maior até o menor. Ademais, saibamos que isso não nos será proveitoso, a não ser que sejamos envoltos pelo temor e reverência que aqueles pastores sentiram. Pois não apenas é dito que o anjo falou, mas que junto dele pairava uma glória celestial, e que os pastores foram acometidos pelo temor. E isto foi inserido aqui especialmente para que aprendamos a ouvir com todo o temor e humildade aquilo que é proclamado com a autoridade de Deus. Vemos muitos cujos ouvidos o evangelho alcança, porém em vão. Por quê? Alguns estão inchados de orgulho; outros estão tão emaranhados com suas paixões terrenas que a Palavra não lhes tem majestade. Portanto, se quisermos ser bons estudantes, e que a doutrina que nos é pregada nos leve à salvação, e ser edificados como devemos ser, o ponto em que devemos começar é saber que não estamos lidando com uma criatura mortal, mas com o Deus vivo, ante o qual todo joelho deve dobrar em reverência. Devemos nos humilhar e tremer (como é dito no profeta Isaías) sempre que Deus abrir sua boca sagrada para nos ensinar. Pois quem não considerar a autoria da Palavra de Deus, para que essa tenha autoridade sobre ele, é certo que nunca perceberá e nunca mudará; apesar de a vontade de Deus ser declarada a ele, ele permanecerá no mesmo caminho. É verdade que não teremos sinais visíveis toda vez que a Palavra de Deus for pregada a nós, mas o que foi feito uma vez deve nos servir hoje. Saibamos, então, que sempre que o evangelho é pregado, Deus, que assim o ordenou, assume a autoria. Assim, do mesmo modo que ele ratificou sua lei com tantos milagres e maravilhas, ele também autorizou o seu evangelho de uma maneira ainda mais poderosa; como é dito pelo profeta Ageu, os céus e a terra estremeceram quando o evangelho foi proclamado. É verdade que quando a lei foi dada às pessoas a terra tremeu e o vento se moveu; mas não há céu ou terra que resista imóvel quando o evangelho é pregado. Tudo deve ressoar a essa glória de Deus manifesta! Aqui encerro esse ponto.

Então, quando viermos ouvir a doutrina que nos é declarada em nome de Deus, devemos estar preparados, em humildade e temor, a receber tudo que nos é dito, e estar atentos a isso, e não vir em espírito de amargura, rebeldia, arrogância ou soberba. Mas devemos saber que é com nosso Deus que estamos lidando, aquele que provaria a obediência e a submissão que todos nós lhe devemos quando ele nos chama para si. Aqui encerro esse ponto.

Bem, agora vamos ouvir o que foi dito aos pastores: "*Não temais, eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor.*"

Aqui vemos como o temor dos filhos de Deus deve ser moderado; a saber, porquanto é testificado que Deus não nos fala salvo para o nosso bem e para nossa salvação, ele não dispõe do rigor de um juiz para conosco, mas toma o partido de um Pai, bom e amável, que nos recebe em seus braços como seus próprios filhos. Os perversos e os ímpios celebram quando estão longe de Deus, e tanto degradaram sua própria consciência que não têm mais escrúpulos e acreditam que nunca devem prestar contas. Então festejam e se lançam, como animais doentes, em extasias incontroláveis, e nunca conseguem regozijar salvo quando se encontram tão brutalizados por terem esquecido Deus, e até se fizeram acreditar que não há nem vida eterna, nem religião. É disso que é feita a alegria destes desdenhadores de Deus. Mas tão logo Deus dá algum sinal de sua presença, veja quão atônitos ficam, de modo que é impossível aquietá-los. Assim, seu divertimento excessivo tem um preço muito alto.

Por outro lado, aqueles que têm algum sentimento de penitência, e que têm boa semente de religião dentro de si, e que pensam em Deus, nunca podem regozijar até que sejam assegurados de sua benevolência para com eles. Pois eles não podem conceber tal alegria a não ser que antes tenham sofrido a angústia. E de que modo? Duplamente. Por um lado precisamos conhecer nossas misérias, para que nos encontremos em tanta angústia como se víssemos a morte preparada para nós; de outro modo nunca experimentaremos a graça de Deus. Em resumo, não podemos ser elevados a não ser que primeiro sejamos pisoteados. E deve ser que, até Deus nos chamar para si, nós estaremos sempre, por assim dizer, na beira do inferno. Portanto, essa é a razão pela qual os fiéis não podem celebrar em Deus e na graça que lhes é dada através do nosso Senhor Jesus Cristo, a menos que primeiro tenham sido acometidos pelo temor. E quando Deus fala, eles devem novamente ser tocados, como já falei, e saber que a sua Palavra deve ter tamanha majestade, porque excede a autoridade de todos os soberanos da terra e de todos seus comandos. Existe, assim, um duplo temor para os fiéis. Contudo, Deus suaviza tudo isso ao dizer que vem até eles, não para ser rigoroso e puni-los como merecem, mas para reconciliá-los a si, para que suas falhas sejam enterradas, e que o Senhor Jesus Cristo traga a cura para todas as suas misérias. Por isso, quando ouvimos essa palavra, isso é para que saibamos que Deus deseja lançar nossas ofensas nas profundezas do mar (como é dito), e que ele nos aceita livremente por conta de sua mera bondade no nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Veja, no cumprimento de nossa salvação, a alegria misturada com a tristeza! Quando Paulo fala sobre a penitência em sua segunda Carta aos Coríntios, capítulo 7, versículo 8, ele diz: "... ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora

já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo); agora, me alegro". Por que ele disse isso? Simplesmente porque não consegue nos imaginar aceitando a bondade de Deus (como eu já disse) até que aprendamos a estar contritos por nossos pecados. Mas logo após vem a alegria! Portanto, aprendamos a lamentar sempre quando pensarmos em nossas iniquidades, e nos horrorizarmos com elas; e não descansar em satisfação até que Deus venha e nos dê paz, declarando que sua ira foi desviada, e pela mediação de nosso Senhor Jesus Cristo ele será bondoso para conosco e nos manterá seus filhos, apesar de termos sido tão maus e perversos a ponto de sermos seus inimigos. Essa é a alegria sobre a qual é falado aqui, e que deve aniquilar toda tristeza que vem da lembrança de nossa pobreza e miséria. E é por isso que o anjo diz: "Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria". Então, aprendamos a ser sempre como pobres e temerosos homens até que sejamos confortados e animados pelo evangelho. Que não busquemos paz em outro lugar – senão, ai de nós! Pois se o diabo conseguir nos minar em nossa autoestima, logo ele terá a vitória e nos terá em suas correntes e amarras. Em suma, seremos levados como seus miseráveis escravos. E assim, lembre-se bem dessa palavra, que não devemos regozijar até que alcancemos a segurança de que Deus nos ama e nos é favorável apesar de não merecermos. Essa é a fundação sobre a qual devemos construir, caso contrário toda a nossa alegria será transformada em lágrimas e ranger de dentes.

E por fim, o anjo não se contenta em dizer que ele anuncia uma alegria, mas diz que é uma *grande alegria*, e que *será para todo o povo*. Preste atenção a isso. Pois se essa palavra não estivesse aqui, imaginaríamos que o relato de Lucas se aplica apenas aos pastores. Mas essa alegria era estendida a todo o povo. É verdade que o anjo está falando dos judeus, pois eles eram o povo eleito. Mas hoje a separação se desfez, como diz Paulo, e Jesus Cristo, através da pregação do evangelho, proclama a paz àqueles que estavam longe e aos que estavam perto. Os judeus estavam aliados a Deus, quando ele os adotou na pessoa de Abraão – e essa adoção ele confirmou através de sua lei. Mas agora, apesar de estarmos longe, Deus veio a nós e desejou esse evangelho da reconciliação para todos. Por isso é dito que Jesus Cristo proclama no evangelho paz para aqueles que estavam longe de Deus e não tinham conhecimento dele. Pois bem, visto que nos é declarado pelo anjo que devemos regozijar com a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo (e não no sentido normal da palavra, mas no sentido de que devemos ser transportados por alegria) devemos fazer essa doutrina proveitosa para nós.

E como podemos entender essa alegria? É certo que se estivermos emaranhados nos prazeres e encantos deste mundo, se estivermos intoxicados

pelas nossas afeições, nunca conseguiremos regozijar-nos na graça que nos é trazida pelo Filho de Deus. Mas consideremos os pastores. Sua condição humana não estava melhor por eles terem ouvido essa palavra do anjo ou por terem visto que o Filho de Deus nasceu. Pois retornaram à sua vida normal, guardando suas ovelhas. Eles passavam frio durante a noite, e calor durante o dia, e eram mal vestidos. Em poucas palavras, não vemos eles ganharem nada em relação à carne e a esta vida mortal para justificar a descrição de tamanha bênção. Todavia, eles não deixaram de regozijar. E aqui, veja como devemos nos conformar a seu exemplo. Isto é, apesar de o evangelho não aumentar nossa riqueza e nossa honra, apesar de não nos trazer nem divertimento nem prazeres, mesmo assim não devemos cessar de sermos arrebatados por esse gozo espiritual e de nos contentar com o fato de Deus ser favorável a nós, e não devemos buscar qualquer outro bem e qualquer outra alegria senão essa, e aqui devemos encontrar todo nosso descanso. Veja por que nem mesmo os pobres param de celebrar; apesar de serem afligidos de diversos modos, e apesar de serem atormentados, alguns pela doença, alguns pela angústia, sendo rejeitados por todos, e outros levando uma vida miserável, e adoecendo como pobres infelizes, ainda assim eles têm motivo para se gloriar. Como Paulo diz no quinto capítulo de Romanos, quando somos justificados pela fé, temos bom motivo para nos gloriar, visto que temos paz com Deus. E isso faz com que até mesmo as aflições sejam gloriosas para nós, porque elas se tornam auxílios para nossa salvação, e Deus faz com que sejam proveitosas para nós. Porque experimentamos a sua ajuda e socorro quando somos desamparados pelos homens e não temos para onde ir, uma vez que não paramos de esperar em Deus e de ter prova definitiva de que ele está conosco já que ele mesmo nos assegurou disso. Portanto, temos razão para nos gloriar em nossas aflições, mesmo que o evangelho não apenas deixe de fazer avançar nossos prazeres ou divertimentos ou riquezas terrenas, mas, pelo contrário, nos faça perseguidos e atormentados. Vemos muitos que não recebem nenhuma outra recompensa por seguir o evangelho além de serem perseguidos, caçados e despojados de seus bens; de modo que alguns perderam tudo o que possuíam, outros foram mantidos em prisões e ainda outros foram cruelmente postos às chamas. Apesar de muitos pobres crentes não terem outra recompensa por receber o evangelho, ainda assim essa alegria falada aqui é mais do que excelente, e precisamos aprender a descansar no amor que o nosso Senhor Jesus Cristo tem por nós, vendo que ele deseja ser para conosco como um Pai e um Salvador e nos segurar como seus filhos. Tudo isso, portanto, deve adoçar toda tristeza que carregamos e devemos tomar coragem na graça e na bondade do nosso Senhor Jesus Cristo. Como Paulo diz, não devemos desfalecer, porque, ainda que o

homem exterior esteja se corrompendo, o interior se renova dia após dia. Pois nossa leve aflição, que é apenas transitória, produz em nós um peso maravilhoso e excelente de glória.

É isso, em suma, o que temos de lembrar e como devemos praticar essa doutrina, quando nos é dito que essa alegria, sim, essa grande alegria, será para todo o povo. Agora, é verdade que nem todos regozijaram. Mas Deus tem oferecido essa alegria a eles. Então, os descrentes se tornam inescusáveis, uma vez que se privaram por sua própria malícia da graça que Deus ofereceu a eles. Afinal, Deus declara que na vinda do seu único Filho ele deseja trazer para si as pobres ovelhas que estão dispersas e perdidas; deseja trazer da morte para a vida aqueles que foram alienados dele. E nossa parte é aceitar essa bênção pela fé. É verdade que a fé é uma dádiva exclusiva do Espírito de Deus, mesmo assim, não devemos repulsá-lo quando ele fala tão docemente conosco, pois ele nos convida, e apenas pede para que sejamos unidos a ele, que regozijemos na plenitude das bênçãos que tem colocado no nosso Senhor Jesus Cristo. Prestemos cuidadosa atenção no que foi acrescentado, que essa grande alegria é fundada em nosso Senhor Jesus Cristo. "*... hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor.*" Vemos aqui sobre o que Paulo tratava na passagem que mencionei acima (de Lc 2), isto é, que Jesus Cristo é nossa paz. Do mesmo modo, também devemos concluir que ele é nossa alegria. E, na verdade, quando pensamos em Deus, se Jesus Cristo não se levantasse como nosso intercessor para nos adquirir graça, onde estaríamos nós? A majestade de Deus é tão terrível a ponto de nos deixar completamente confusos e até nos fazer cair em desespero. Porque quando comparamos Deus conosco, ele deve ser nosso Juiz. Uma vez que somos pecadores, ele declara guerra a nós; já que lutamos contra ele para subjugar sua justiça, que é mais preciosa que toda vida na terra, ele nos subjuga. Portanto, uma vez que não podemos concebê-lo senão como nosso inimigo mortal e como um juiz que está armado para nos destruir e exterminar completamente, onde estará nossa alegria senão em que nosso Senhor Jesus Cristo se torna o Mediador e nos declara que, apesar de ser Deus eterno, ele se vestiu com nossa carne e nossa natureza de modo a se tornar nosso irmão? E ele até mesmo recebeu sobre si a maldição de nossos pecados e carregou o fardo que nos teria esmagado a todos, de modo que agora não nos achemos culpados perante Deus e que nossos pecados não mais sejam contabilizados e lembrados. Ele nos vestiu com sua justiça para que possamos vir com a cabeça erguida e saibamos que Deus não nos imputa nossas iniquidades, mas que ele nos conhece e nos aceita como se tivéssemos lhe servido de todo o coração – e isso no nome do seu Filho. Veja (eu afirmo) como essa alegria que nos é trazida pelo evangelho tem

Dario Cardoso

sua fundação em nosso Senhor Jesus Cristo. Quem não conhece o ofício de Jesus Cristo nunca pode confiar em Deus, nem oferecer orações e súplicas: ele sempre estará em ansiedade e dúvida e dissimulação. A não ser que a fé chegue e nos mostre o caminho, é certo (eu afirmo) que nunca teremos acesso a Deus. Agora, a fé deve estar firmada em Jesus Cristo, pois ele é o único alvo em que devemos mirar. Observemos que de acordo com a medida de nossa fé em Jesus Cristo, podemos ter descanso e alegria em Deus, pois é através de nosso Senhor Jesus Cristo que somos reconciliados; como é dito na Segunda Carta aos Coríntios: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo". E hoje ele continua seu trabalho quando o evangelho é pregado a nós. E isso se aplica a nós, uma vez que ele que não conheceu pecado foi feito pecado por nós; isto é, levou nossa maldição, e foi, por assim dizer, amaldiçoado por Deus seu Pai em nosso nome.

Ademais, para que sejamos ainda mais persuadidos, está escrito que "*Ele nos nasceu*". Se o anjo tivesse simplesmente dito que "Um Salvador é nascido", isso seria suficiente para nos trazer a Deus. Porém ainda teríamos a possibilidade de vacilar, já que somos por natureza inclinados a desconfiar, e não conseguimos nos convencer a menos que o Senhor nos confirme por todos os modos. Esta palavra, "*Um Salvador nos é nascido*", não é supérflua. É como se fosse dito que ele se doa a nós, que ele não veio por seu próprio bem, mas para nosso bem e salvação, e que não vai descansar até que nós o aceitemos, uma vez que o Pai desejou que ele fosse nosso – como também diz Isaías: "... um menino nos nasceu, um filho se nos deu". Aqui está o profeta proclamando muito tempo antes por que Jesus Cristo viria ao mundo. Ele diz que o menino nos nasceu. Se ele tivesse dito: "O menino nascerá," seria muito, mas não o suficiente; pois sempre haveria enganadores e contradizentes afirmando: "Ah! Apesar de o Filho de Deus ter nascido, não significa que tem algo a ver conosco". Mas o profeta declara que foi por nós que o menino nasceu, e por nós foi dado. Como Zacarias também diz: "Ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei!" Assim vemos que não poderemos experimentar dessa alegria espiritual que é falada aqui salvo quando entendermos que o nosso Senhor Jesus Cristo nos foi dado completamente, uma vez que o Pai assim o desejou – como é dito em João, que ele não poupou seu próprio Filho, mas o entregou para morrer por nós; e mais uma vez, que ele nos deu Jesus como herança para que tomemos posse dele. Portanto, visto que Deus nos deu Jesus, diz Paulo, como poderia nos privar de todo o resto? Pois todas as bênçãos deste mundo, que jamais podemos imaginar, são muito menores que Jesus Cristo, que é o Filho amado e a eterna Sabedoria do Pai. Assim sendo, quando Jesus Cristo é nosso, e exige que nos regozijemos nele e apenas nele, não imaginemos que toda perfeição da sabedoria,

justiça, vida e glória que está nele não nos será dada junto com ele. Observe, então, a grandeza dessa alegria sobre a qual os anjos falam.

Agora é dito sobretudo que *"hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor"*. Isso é para mostrar que ele não declara nenhuma inovação. Pois se os pastores nunca tivessem ouvido falar do Redentor, achariam isso muito estranho. E seria muito breve e obscuro apenas dizer que nasceu o Salvador. Mas porque desde sua infância eles sempre ouviram falar que Deus iria restaurar seu povo, e que o Salvador prometido viria, ele deliberadamente diz: "*É Cristo, o Senhor*"; como se dissesse: "Vocês se lembram de que Deus ordenou a unção real, que significa que um rei deveria ser eleito e escolhido pelo povo e constituído em seu nome, para representar todo o povo; e esse rei deveria ser o senhor supremo e o elo de toda união". É verdade que, debaixo da lei, reis eram ungidos, todavia, isso era apenas uma figura e uma sombra, e a unção não se aplicava a todo o povo. Agora, em Jesus Cristo, a realidade era outra. Pois com ele não era uma questão de óleo visível e material, mas do Espírito Santo. Então ele recebeu todos os dons do Espírito de Deus. E por quê? Não para seu próprio uso, mas para derramá-los em cima de nós, para que pudéssemos participar deles, cada um de acordo com a medida da graça que recebemos desse grande Salvador. Mas apesar de nossa indignidade, ele nos enriqueceu a todos com suas bênçãos, de acordo com o que lhe aprouve dar e distribuir. Veja então por que e com qual autoridade ele é chamado Cristo. Veja também por que somos chamados de cristãos – porque participamos na unção espiritual que foi dada ao nosso cabeça. Agora, se estivermos completamente destituídos do Espírito de Deus, com certeza estamos abusando desse título honrável de cristãos, porque de modo algum ele nos pertence. Estejamos atentos em que Jesus Cristo veio como o Ungido; isto é, como aquele que recebeu toda perfeição de bênçãos espirituais, que nós tomemos de sua plenitude, e graça por graça. Logo, devemos todos vir a essa fonte e tomar dela corajosamente, sabendo que ela nunca falhará. E quanto mais cada crente vir a essa perfeição e tomar sua parte, ainda mais ela aumentará, e sempre haverá mais. Portanto, nós receberemos graça por graça. Isto é, não podemos participar em nenhuma graça de Deus, salvo quando é colocada em nosso Senhor Jesus Cristo. E não é necessário que façamos longas jornadas para chegar até ele, pois através do evangelho ele declara que ainda hoje é nosso. Ademais, devemos aprender a nos sujeitar a ele, se desejamos ser cristãos; isto é, se desejamos gozar das bênçãos que ele nos trouxe, ele deve ser nosso Senhor – ou seja, deve ter toda preeminência sobre nós. Isto apenas será assim se formos obedientes a ele; como é dito no salmo 110, devemos nos apresentar a ele voluntariamente no grande dia. E somos em cada dia exortados a

andar diante de Deus e a estar sempre prontos a seguir sua vontade, e dizer: "Senhor, aqui estou! Disponha da minha pessoa e bens como quiserdes." Nós demonstramos e provamos por nossas ações que o Filho de Deus é nosso Senhor quando somos obedientes ao chamado de Deus. Além disso, saibamos que somente ele, sem companhia, deve ser nosso Senhor; para que não corramos de um lado para o outro como fazem os pobres papistas. É verdade que há domínios terrenos, principados, dignitários e Estados, e o reino de nosso Senhor Jesus Cristo não interfere no governo de tal ordem. Mas aqui é uma questão de reinado espiritual, isto é, que nós sejamos ensinados a andar como se diante de Deus, e que, vivendo neste mundo, sejamos tão estranhos aqui que, entrementes, por fé e esperança, mantenhamos nosso coração elevado para que não seja engolido pelo lamaçal de nossas ansiedades e prazeres. Note, então, como devemos ter nosso Senhor Jesus Cristo como nosso único Senhor! Os papistas têm a Virgem Maria; eles têm São Miguel, São Pedro, São Guilherme; em suma, todos estes são seus senhores. E por quê? Porque ali Jesus é pisoteado, rejeitado e negligenciado. Observemos que essa palavra é dada apenas ao Filho de Deus, visto que ele se apropriou dela para si e que é um privilégio que ele sempre teve, e que não pode ser atribuída a qualquer criatura que seja. E essa é a razão pela qual Paulo diz: "Apesar de muitos deuses serem renomados entre os cegos e ignorantes, e há muitos senhores, sempre para nós haverá um único Deus, e um único Senhor, Jesus Cristo que é nossa cabeça". Pois ele deve ser o único elo de nossa união, de modo que através da sua mediação possamos ser unidos a Deus seu Pai.

Essa palavra também se refere ao que o anjo acrescenta: "é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor". É como se tivesse aduzido aos profetas, para nos mostrar que o que ele proclama é autêntico, visto que Deus previu isso desde sempre e enviou aquele que era esperado pelos pais e por todos os fiéis e por toda a igreja de modo geral. Uma vez dito isso, aprendamos que para nos regozijar em nosso Senhor também devemos buscá-lo na lei tanto quanto no evangelho. Pois ele é o fim da lei, como diz Paulo. Portanto, devemos saber que a lei e os Profetas nos foram dados para que conheçamos nosso Senhor Jesus Cristo. Ele começou a ser conhecido mesmo antes da lei; e agora que o evangelho foi dado, temos uma declaração mais completa, para que tenhamos menos desculpa, e para que nosso acesso a Deus seja o mais facilitado, e para que tenhamos proveito na escola de Deus, visto que ele abriu seu coração e que mais nada está escondido de nós; pois em verdade, descobriremos que em Jesus Cristo estão todos os tesouros de sabedoria e entendimento. É verdade que está dito que eles estão escondidos nele, mas isso é porque os homens arrogantes

deste mundo não conseguem entender nada, e essa palavra é feita para fechar os portões a eles. Mas quando viemos na simplicidade da fé em Jesus Cristo, apesar de não haver nele nenhuma pompa ou exibição, ainda assim sabemos que ele possui todos os tesouros de sabedoria e entendimento em plenitude suficiente para as necessidades de nossa salvação. Veja, em suma, o que temos de lembrar.

Agora a mensagem do anjo deve ser suficiente; mesmo assim, Deus, percebendo que estamos entregues a vaidade e a falsidade e que não conseguimos nos manter em sua verdade a não ser quando mantidos lá como que em prisão, desejou acrescentar uma confirmação ainda maior. É por isso que está escrito que, logo em seguida, "*apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial*". Observe como Deus não está satisfeito com uma única testemunha, apesar de ter imprimido sua glória no anjo, do mesmo modo que conhecemos o sol pelos raios que emana. Então, uma vez que Deus enviou esse exército celestial, e todos os anjos declararam que Deus estava reconciliado com o mundo, há razão suficiente para os homens se regozijarem nessa paz, e pelo poder da graça receber e se regozijar nessa bênção tão inestimável. Agora, quando percebemos que Deus desejou que sua graça fosse testemunhada por uma multidão infinita de anjos, tomemos nota de nossa incredulidade. Pois se não fosse nossa incredulidade, isso não seria necessário, como já argumentei. Mas Deus sabia como somos; quer dizer, que somos vacilantes e que não há nada senão leviandade e inconstância dentro de nós, e que somos teimosos, e que ele não podia nos vencer como deveria. Quando ele coloca sua graça diante de nós, desviamos o olhar, ou nos encolhemos e somos como animais rabugentos resistindo-o. Assim, quando Deus usa tal recurso e deseja que sejamos plenamente assegurados de que ele é nosso Pai e Salvador pela mediação de seu único Filho, ele nos acusa e condena de incredulidade – e nós também devemos pronunciar condenação sobre nós mesmos. Mesmo assim, também devemos dispor do auxílio que Deus nos deu e não sermos presunçosos a ponto de dizer: "Ah!, isso já basta! Aprendi tudo isso no começo!" Isto é o que muitos sujeitos acéfalos dizem. Tão logo aprendem um pouco sobre o evangelho se tornam os mais eruditos dos estudiosos no mundo. Mas quando se trata de experiência, demonstram ser apenas vento e fumaça, pois não é necessário nada para matar sua fé; a menor das tentações do mundo é suficiente para subjugá-los. E essa é a recompensa de sua presunção. Então, conheçamos nossas fraquezas, saibamos que não há nada senão falsidade dentro de nós, para que busquemos toda a ajuda que Deus nos oferece, para que sejamos estabelecidos, a fim de não negligenciarmos aqueles auxílios que ele sabia ser apropriados e adequados a nós. Em resumo, é isso que temos de lembrar

quando se diz que uma multidão infinita de anjos apareceu com aquele que já havia falado. E além disso, que escudo poderíamos construir com ignorância quando, com tantas testemunhas de Deus, nós ainda não cremos? Está escrito que pelo testemunho de dois ou três, toda disputa deve ser decidida e anulada. Mas agora Deus não envia dois ou três, mas um exército de testemunhos; e não de homens mortais, mas de anjos, aquele em quem ele brilha, e que são, por assim dizer, a ratificação da sua justiça, da sua bondade e do seu poder, de modo que até seu nome é aplicado a eles, e eles são chamados de deuses – não para roubar-lhe de nada, nem para diminuir sua majestade, mas para mostrar que ele habita neles. Sendo assim, uma vez que temos os anjos do paraíso como testemunhas que Deus está reconciliado conosco, e que não são três deles, nem uma dúzia, mas uma multidão infinita, e uma vez que Deus desejou nos declarar que esquecerá nosso ceticismo e nossa rebeldia, não seremos nós tão perversos, para não dizer possessos por Satanás, se não aprendermos a aceitar e agarrar essa mensagem, e nos fazer tão bem armados com ela a ponto de nos transformar em fortalezas invencíveis capazes de resistir a toda maquinação do diabo contra nós? Veja, portanto, como devemos tirar proveito dessa passagem.

E agora vamos brevemente ver o que todos os anjos disseram: "*Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra*". Apesar de podermos juntar isso com o que segue – "*entre os homens, a quem ele quer bem*" – o sentido não muda. Não será necessário gastar muito tempo nisso; porque, em relação à substância, em primeiro lugar os anjos exortam os pastores (e neles nos exortam a todos) para magnificar a glória e a bondade de nosso Deus e dar-lhe o louvor e a gratidão que ele merece. Pois esse também é o fim de nossa salvação, como diz Paulo, em especial no primeiro capítulo de Efésios (apesar de ser uma doutrina comum a ele, essa é tratada em extensão). Por que foi que Deus nos enviou seu único Filho? Foi para que Deus fosse glorificado. Por isso, glória a Deus nas alturas. Agora, isso é dividido em duas partes. A primeira é que não devemos buscar a causa de nossa salvação em outro lugar senão na pura bondade de Deus. Pois se pudéssemos oferecer qualquer coisa que seja, ou se as criaturas pudessem nos ajudar aqui, é certo que parte da glória seria nossa ou pertenceria a outras criaturas. Mas quando é dito: "*Glória a Deus nas maiores alturas*", todos os outros devem ser humilhados e ninguém além de Deus conhecido como o autor de todo o bem. Observe como a glória de Deus destrói toda imponência das criaturas, e aqui não devemos inventar nada, mas saber que Jesus Cristo nos foi dado, pois Deus tanto amou o mundo (como diz a passagem do terceiro capítulo de João que já citamos) que ele não poupou seu único Filho, mas o entregou à morte por nós. Então, quando terminarmos nossa [illegible]

teremos dado muitas voltas para descobrir por que Jesus Cristo nos foi dado – pelo amor de Deus; ou seja, pela sua livre bondade. Por isso, glória é devida somente a ele; ninguém deve roubá-la dele, fazendo dessa um despojo a ser distribuído a todos em pequenos pedaços, como já dissemos acontecer hoje entre os papistas amaldiçoados.

Agora existe a segunda parte, que é: não devemos ser ingratos. Quando Deus nos celebra e se mostra favorável a nós, é indevido sermos preguiçosos, essa alegria deve nos mover, nos inflamar, e nos despertar completamente para glorificar a Deus. Pois ele nos tirou da sombra da morte, e nos introduziu no reino da vida, como diz Pedro, para que possamos pronunciar seus louvores imortais. E de fato, quando o profeta Isaías fala sobre sua pregação, ele diz que Deus adquiriu um povo para que ele seja glorificado nele, e que nós somos como as plantas e frutos que ele demanda de sua herança; igual acontece quando um homem planta a videira e cultiva o campo e colhe os frutos. É verdade que Deus não pode receber nada de nós; não obstante, ele deseja ser glorificado, apesar de não podermos oferecer-lhe nada. Note, então, como o fruto do evangelho em nós deve mostrar o nosso zelo em oferecer a Deus o sacrifício de louvor que ele merece, uma vez que, por sua infinita misericórdia, ele nos tirou das profundezas da morte em que estávamos submergidos.

E aqui é acrescentado, "*paz na terra*". Por quê? "*Porque Deus é favorável para com os homens*". Isso é para confirmar ainda mais o que já temos dito, que toda paz é amaldiçoada a não ser que diga respeito à reconciliação e a expiação que Deus fez conosco. Quando sabemos que Deus nos é favorável, e que, em vez de ser nosso inimigo (como merecemos), em vez de se deixar provocar por nossas rebeldias e iniquidades e ser nosso juiz raivoso; em vez disso, ele é nosso Pai e Salvador, e quer se regozijar em nós para que possamos nos regozijar nele; por esse motivo, quando temos isso, também temos paz. É assim que temos descansado, e como todo nosso contentamento depende da boa vontade de nosso Deus – isto é, porque ele se agrada em nos receber em misericórdia e demonstrar que tem por nós um amor paternal em vez de nos exterminar dentre suas criaturas. Essas palavras foram bastante corrompidas no papado; pois, apesar de cantarem seu *Gloria in excelsis*, eles depravaram a passagem tão vilmente que percebemos como na verdade são diabos encarnados. Pois dizem que a paz é para os homens a quem ele quer bem, e a partir disso estabelecem sua doutrina em cima de méritos e imaginam que a graça de Deus é inútil a não ser quando os homens a recebem por vontade própria. Agora, após cantarem *Gloria in excelsis Deo* (uivando como lobos selvagens) eles roubam de Deus a glória ao estabelecer seu conceito da boa vontade dos homens. Mas nós vemos que os

anjos significaram que apenas Deus merece de nós toda a glória, e que nós precisamos abrir nossa boca para dar a ele toda a gratidão que ele merece, porque ele está reconciliado conosco, de acordo com sua boa vontade – isto é, ele não contabilizou nossas misérias a não ser para lhes fazer provisão. E ele não nos puniu de acordo com nossas ofensas, nem nos rejeitou como se fôssemos (e somos) uma abominação para ele; mas ele tem demonstrado boa vontade para conosco – desta forma, ele desejou nos comunicar as riquezas incomensuráveis de sua misericórdia, ele tem sido favorável para nós que estávamos repletos de imundice, e que estávamos cheios apenas de morte e maldição em razão do pecado que é horrível para ele. Portanto, já que Deus decidiu se humilhar, e se tornou favorável a nós, e demonstrou sua graça para conosco, temos motivo para regozijar. Isso também serve para assegurar nossa fé para que possamos corajosamente invocar a Deus, e lutar contra todas as tentações que encontramos, sabendo que sempre teremos acesso a ele quando viermos no nome do nosso Senhor Jesus Cristo, e para que saibamos que é por sua livre bondade que somos favoráveis a ele.

Agora prostremo-nos ante a majestade de nosso bom Deus... oremos que ele não apenas dê sua graça a nós, mas também a todos os povos e nações da terra, recuperando todos os pobres e ignorantes de seus míseros cativeiros de erro e escuridão para o caminho correto da salvação. Que para esse fim, lhe apraza levantar ministros fiéis e verdadeiros de sua Palavra, que buscam não seus próprios proveitos e ambições, mas somente a exaltação de seu santo nome e a salvação de seu rebanho. Que, por outro lado, lhe apraza exterminar todas as seitas, heresias e erros, que são a semente de todas as desgraças e divisões entre seu povo, para que vivamos todos juntos em harmonia fraternal. Que lhe apraza guiar, através de seu Santo Espírito, todos os reis, príncipes e senhores que levam sua espada, e que seus governos não se façam em avareza, crueldade e tirania, nem em qualquer afeição perversa, mas em toda a justiça e retidão. Que nós também, vivendo abaixo deles, lhes prestemos a honra e obediência que lhes são devidas, e que através de boa tranquilidade e paz possamos servir a Deus em toda santidade e honestidade. Que lhe apraza consolar todos os pobres aflitos a quem ele visita de diversas maneiras com a cruz e com as tribulações – aqueles que ele tem afligido com a praga, guerra e fome, e outros males, aqueles sofrendo por pobreza, doença, prisão, banimentos, ou outras calamidades do corpo ou aflições do espírito – que lhe apraza dar a todos estes boa paciência até que ele lhes envie o alívio de todos os seus males. Especialmente que lhe apraza ter piedade de todos os pobres crentes, dispersados nesse cativeiro da Babilônia sob a tirania do anticristo, mesmo aqueles que sofrem perseguições por conta do testemunho da verdade de Deus; que ele lhes [illegible]

verdadeira constância e os console, e não permita que biltres e lobos vorazes descarreguem sua ira contra eles, mas lhes dê verdadeira constância, para que o nome de Deus seja glorificado por eles tanto em vida quanto em morte. Que lhe apraza fortificar todas as suas pobres igrejas que labutam hoje e são assaltadas por seu santo nome. Que ele reverta e destrua os conselhos, maquinações e empreendimentos de todos os seus inimigos, para que sua glória possa brilhar em todo lugar, e que o reino de nosso Senhor Jesus Cristo possa aumentar e avançar cada dia mais. Vamos orar por todas essas coisas como nosso bom Mestre e Senhor, Jesus Cristo, nos ensinou a orar, dizendo: "Pai nosso (...)".

Apêndice 2

TABELA CRONOLÓGICA DA PREGAÇÃO DE CALVINO

Esta tabela é baseada na de Mülhaupt, porém bastante simplificada para cobrir apenas a cronologia. O material bibliográfico que Mülhaupt incluiu em sua tabela, eu disponibilizei nos Apêndices 3 e 4.

O mês se refere ao começo da série (ou a um sermão isolado) a não ser que haja indicação do contrário.

Data	Domingo		Semana Manhã
	Manhã	Tarde	
1549 25 ago.	Hebreus ↓ Atos	Salmos salmo 40	Jeremias
1550 12 nov.			↓ Lamentações ↓ Miqueias
1551 6 fev. 8 fev. 2 mar. 5 set. 28 out.		salmo 80.9	↓ Sofonias ↓ Oseias ↓ Joel ↓ Amós

1552 5 fev. 21 nov.			↓ Obadias ↓ Jonas ↓ Naum ↓ Daniel ↓ Ezequiel
1553 8 jan. 2 jul. 3 set. 12 nov.		salmo 119 salmo 119 (fim) Atos 20.17ss. salmo 147	
1554 21 fev. 26 fev. 25 mar. 16 set. 30 set.	Atos (fim) Manhã e tarde 1Tessalonicenses 2Tessalonicenses 1Timóteo	 salmo 148	↓ Ezequiel (fim) Jó
1555 20 mar. 21 abr. 14 jul. 20 out.	 2Timóteo Tito 1Coríntios	 salmo 149	↓ Deuteronômio

1556 15 jun. 16 jul.			Deuteronômio (fim) Isaías
1557 28 fev. 30 mai. 14 nov.	2Coríntios salmo 65 Gálatas		
1558 15 mai.	Efésios		
1559	Manhã	Tarde	
26 mar. jul. 4 set.	Harmonia dos evangelhos	Mateus 28.1ss.	↓ Gênesis
1560 14 abr. 19 mai. 26 mai. 2 jun. 9 jun.		Mateus 28.1ss. salmo 46 salmo 48 Atos 2 salmo 48	
1561 3 fev. 8 ago.			↓ Juízes ↓ 1Samuel
1562 23 mar. 28 mar. 23 mai.			Mateus 26 ↓ Mateus 28 2Samuel
1563 3 fev.			2Samuel (fim) 1Reis
1564 2 fev. 6 fev.	↓ Harmonia dos evangelhos		2Reis (fim)